



Revista do ancião

Recursos para Líderes de Igreja



Comissão de nomeações

Exemplar Avulso: R\$ 9,50. Assinatura: R\$ 30,20

ISSN 2236-708X



9 772236 708005 1
out • nov • dez 2019



Entrevista

Paixão pelo evangelismo

Espírito de Profecia

Interpretação correta

Lição da Escola Sabatina

Conheça o processo
de sua produção

SUMÁRIO



8



11



25



31

- 3** **Editorial**
A quem servimos?
- 4** **Paixão pelo evangelismo**
Buscando e salvando o perdido
- 8** **Comissão de nomeações**
Método eficiente
- 11** **Interpretação correta**
Leitura contextualizada
- 14** **Como ler em público**
Técnicas que funcionam
- 17** **Esboços de sermões**
Amplie os esboços com comentários e ilustrações
- 22** **Visão de longo alcance**
O terreno fértil das novas gerações
- 25** **Qualquer situação**
Uma lição a se aprender
- 28** **Vida missionária**
A extinção do primeiro amor
- 31** **Esposa de ancião**
O chamado é para o casal
- 34** **Como é preparada a Lição da Escola Sabatina**
Da fase inicial às suas mãos

CALENDÁRIO

Data	Evento
Outubro 19	Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais
Novembro 14	Programa "Mutirão de Natal"



Aquisição da Revista do Ancião
O ancião que desejar adquirir esta revista deve falar com o pastor de sua igreja ou com o ministerial do Campo.

Uma publicação da
Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 19 – Nº 76 – out-nov-dez 2019
Revista Trimestral – ISSN 2236-708X

Editor

Nerivan Silva

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Isabel Camargo

Projeto Gráfico

André Rodrigues

Programação Visual

André Rodrigues

Imagem da Capa

William de Moraes

Colaboradores Especiais

Carlos Hein e Lucas Alves Bezerra

Colaboradores

Alberto Peña; André Danta;

Charles Britis; David Aroya;

Edilson Valiante; Efrain Choque;

Elieser Ramos; Everon Donato;

Geraldo Magela; Iván Samojluk;

Jonathan Solis; Juan Zuñiga; Ralides

Nascimento; Ronivon Silva;

Rubén Montero; Tito Valenzuela.

Revista do Ancião na Internet

www.dsa.org.br/anciao

Artigos e correspondências para a *Revista*

do *Ancião* devem ser enviados para:

Caixa Postal 2600; 70279-970, Brasília, DF

ou e-mail: ministerial@dsa.org.br



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia Estadual SP 127, km 106

Caixa Postal 34; 18270-970, Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Visite o nosso site

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento

ao Cliente

sac@cpb.com.br

Exemplar Avulso: R\$ 9,50

Assinatura: R\$ 30,20



abir

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização
escrita do autor e da Editora.

7181 / 40291

A quem servimos?

Uma das coisas que todos nós apreciamos é o reconhecimento do que fazemos. Faz parte da natureza humana a satisfação e a alegria de saber que as pessoas apreciaram o que foi realizado por nós. De fato, todos somos assim.

Lamentavelmente, nem sempre isso acontece. Em algumas circunstâncias, mesmo que você faça seu melhor, nem sempre o “reconhecimento” que você “espera” ou “deseja” virá. Diante disso, as reações variam. Muitas pessoas se sentem frustradas; outras perdem a motivação e abandonam projetos ou tarefas porque se sentem desvalorizadas.

Paulo escreveu: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3:23, 24). Prezado ancião, como líder na causa de Deus, você serve à Sua igreja, mas nem sempre recebe o reconhecimento da obra que realiza. Portanto, lembre-se das palavras de Paulo aos Colossenses.

Seu ministério na igreja local é marcado por um ritmo acelerado no dia a dia. Quantas atividades estão sob sua coordenação! Mas diariamente Deus tem abençoado você ao renovar sua motivação e entusiasmo para que você realize com êxito Sua obra. Ellen G. White escreveu: “Servir a Deus não é coisa vã. Há uma inestimável recompensa para os que devotam a existência a Seu serviço. Todo sacrifício feito em Seu serviço será recompensado segundo ‘as abundantes riquezas da Sua graça’ (Ef 2:7). Nosso galardão por trabalhar com Cristo neste mundo, consiste na maior capacidade e mais amplo privilégio de colaborar com Ele no mundo por vir” (*Serviço Cristão*, p. 266).

Por outro lado, você tem pessoas que estão sob sua liderança. São os outros oficiais da igreja (diretores de departamentos e ministérios; outros que se envolvem nas atividades mais “simples” da igreja). Como líder, desenvolva o hábito de reconhecer e apreciar o trabalho que eles fazem. Incentive-os com as palavras de Paulo: “A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3:24). Lembre-se de que a obra que cada um deles realiza no dia a dia da igreja é parte indispensável do todo.

Uma das atribuições do verdadeiro líder é inspirar seus liderados em favor de um ideal. As atividades da igreja local, bem como o cumprimento de sua missão, requerem esse tipo de atitude da liderança. “Os anciãos desempenham importante papel no encorajamento dos líderes da igreja e no apoio a eles dedicado em sua tarefa de, voluntária e fielmente, fazer avançar os diversos ministérios da igreja” (*Guia Para Anciãos*, p. 74).

Em muitas de nossas igrejas, pessoas, em suas funções, estão desanimadas por falta de uma palavra de apreciação pelo que fazem. Lamentavelmente, algumas delas acham que trabalham para o pastor ou para o ancião. Que visão equivocada! Por isso, meu prezado ancião, é necessário que você redirecione a visão dessas pessoas para que elas consigam enxergar seu trabalho na igreja em uma dimensão mais ampla.

Não se trata de lisonjear, ou como se diz popularmente, bajular as pessoas com fins “políticos”. Ao contrário, trata-se do reconhecimento que expressamos a elas, atribuindo valor ao que realizam na igreja, sempre enfatizando que é a Cristo que elas estão servindo.

Pense nisso! 

Nerivan Silva

Editor



William de Moraes



FABIÁN MENCHACABASO

Cedida pelo entrevistado

Paixão pelo evangelismo

Fabián Menchacabaso é um apaixonado por evangelismo. Carpinteiro, por profissão, reside na localidade de José C. Paz, região metropolitana de Buenos Aires. Tem servido à igreja como ancião por 38 anos em várias igrejas. Atualmente, é ancião na igreja adventista do bairro de Santa Brígida, Buenos Aires. É casado com Cristina Rodriguez. O casal tem cinco filhos e cinco netos. Para Fabián, não há obra maior do que nos dedicarmos à salvação das pessoas.

Fale um pouco de seu ministério como evangelista leigo. Como o senhor

planeja e realiza suas campanhas evangelísticas?

Já há muitos anos eu realizo séries evangelísticas. Normalmente, faço uma ou duas por ano. Às vezes, realizo campanhas de cinco semanas, outras vezes, apenas uma semana de colheita, que consiste em fazer um estudo retrospectivo das doutrinas bíblicas. Isso ajuda os irmãos a recordar os temas que, em algum momento, já estudaram. Por outro lado, também motiva os novos membros a aprender novas doutrinas e também aqueles que estão afastados a novamente voltar a manusear a Bíblia.

Às vezes por iniciativa própria, realizo campanhas evangelísticas em outras igrejas; são aquelas nas quais já preguei várias vezes e também por conhecer alguns de seus líderes. Nesses casos, faço contato primeiramente com o director do Ministério Pessoal e dialogamos a respeito dos projetos e atividades missionárias da igreja.

Se percebo que a igreja tem várias pessoas recebendo estudos bíblicos, por exemplo, mais de quinze pessoas, para mim isso já é um sinal de que é viável um projeto missionário de uma semana evangelística de colheita. Por outro lado, se não há

peças recebendo estudos bíblicos, o ideal é planejar uma campanha evangelística de cinco semanas de duração com reuniões de quatro dias na semana, abordando os temas doutrinários que preparam os interessados para o batismo. Evidentemente, ao fim dessa campanha nem todos decidem ser batizados, mas a semente foi lançada. A continuação dos estudos bíblicos para essas pessoas possibilita a realização de uma semana de colheita posteriormente, na qual esses interessados poderão se decidir pelo batismo.

Tão logo eu faço o contato com o director do Ministério Pessoal da igreja e percebemos que é viável uma campanha evangelística, nos reunimos com o ancião conselheiro desse departamento. Por último, submetemos o projeto ao pastor do distrito. Se ele o aprova, encaminhamos o projeto para a Comissão Diretiva da igreja. Sendo ele aprovado, damos início à fase de preparação para executar o projeto.

Esse método de trabalho requer o envolvimento de todos os membros da igreja por meio de cada departamento, e cada membro participa de acordo com os dons que lhe foram concedidos por Deus. Por exemplo, o Ministério da Mulher atua com a oração intercessora e a Recepção; o clube de desbravadores e outros membros atuam na divulgação do projeto, principalmente na distribuição de panfletos ou convite; o diaconato cuida do ambiente da igreja, tornando-o receptivo às pessoas todas as noites; nomeação de um ancião ou outro membro de experiência como mestre de cerimônia. Em conjunto com o coordenador de interessados, o Ministério Pessoal busca por meio de telefone ou redes sociais as pessoas que já mantêm algum contato com a igreja, convidando-as para assistir às reuniões. Assim, toda a igreja se envolve na

“Tenho consciência de que a obra do ancião é de grande responsabilidade, pois desempenha papel semelhante ao do pastor da igreja. Sua obra envolve ajudar, animar e dirigir a igreja”

execução do projeto. Logo depois da aprovação da Comissão Diretiva da igreja, o ideal é que haja pelo menos dois meses de preparação antes de iniciar as reuniões. Esse intervalo de tempo é para incentivar e concientizar os membros da igreja e realizar uma promoção mais eficiente do projeto.

Qual é sua motivação para realizar este ministério voluntário de evangelismo?

Gratidão a Deus pela bela família que tenho e também por minha manutenção diária. Isso tem sido minha motivação. Além disso, todos os dias, ao ver as pessoas a meu redor enfrentando lutas e problemas financeiros, de saúde, etc, e sendo portador de uma mensagem preciosa que Deus me confiou, me sinto impulsionado a falar de Cristo para essas pessoas, porque creio que somente Ele é a solução para os problemas humanos. Isso não quer dizer que os problemas desaparecerão, mas que poderão ser suportados de modo mais eficaz. Quando vejo as famílias discutindo e sofrendo, penso que Cristo deve entrar nessas casas. E é por meio de

nós que Ele poderá fazer isso. Deus espera que levemos a mensagem. Isto é o que realmente me motiva: a bela mensagem que temos e que leva esperança às pessoas.

Como fruto de seu trabalho evangelístico, quantas igrejas já foram plantadas? Como o senhor decide qual é o momento propício para sair de uma igreja e colaborar em outro lugar?

Aqui na Argentina, há uma pequena localidade chamada José C. Paz. Há dez igrejas nesse lugar. Deus me deu o privilégio e a bênção de participar do plantio de seis dessas igrejas. Depois de plantar uma igreja, permaneço ali por quatro ou cinco anos para consolidar seu crescimento. Quando percebo que a igreja está crescendo no discipulado e seu número de membros continua aumentando, considero ter chegado o momento de buscar novos horizontes. Um outro indicador de que a nova igreja está consolidada é quando, na comissão de nomeações, são mencionadas cinco ou seis pessoas para o cargo de ancião. Para mim, isso é uma demonstração de que chegou a hora de pensar em um outro lugar para trabalhar.

Como o senhor se prepara para o ministério do evangelismo voluntário? Os treinamentos realizados pela Associação têm sido úteis?

Minha educação formal não foi além da escola primária. Nunca imaginei que poderia falar em público algum dia. Em meu preparo para o evangelismo público, algo que muito me ajudou foram os seminários de capacitação ministrados, na época, pela Associação Bonaerense, hoje Missão Bonaerense do Norte. Eu assisti a todos eles. Creio que isso muito me ajudou a ser um instrumento melhor nas mãos de Deus. Embora eu faça



evangelismo já há muitos anos, sempre que acontecem os encontros para cursos de capacitação, eu participo deles, porque preciso estar sempre atualizado. Esta é mais uma razão que tenho para agradecer a Deus e aos pastores e líderes da igreja por me ajudarem a melhor me preparar para Sua obra.

De que modo sua esposa e família o têm apoiado ao longo de seu ministério?

Minha família, principalmente minha esposa, me apoiam nas tarefas que realizo na igreja. Sem dúvida, devo a eles meu ministério como ancião e evangelista voluntário. Neste aspecto, minha esposa teve papel fundamental. Ela me ajudou a me expressar melhor; a me vestir de modo mais convencional. De fato, ela tem sua marca em todos os detalhes de minhas atividades na igreja. Sempre me ajuda a lembrar de detalhes importantes nas diferentes atividades da igreja. Embora seja eu a figura que aparece como ancião de igreja, não tenho dúvidas de que é um ministério que compartilhamos juntos.

Ao fazer uma retrospectiva de seu ministério de evangelista, que experiência foi mais impactante na qual o senhor viu claramente a intervenção de Deus?

Ao longo de meu ministério como evangelista voluntário, tive muitas experiências marcantes. Uma delas ocorreu em 1985, no dia 25 de maio. Nesse dia, iniciei um curso bíblico em uma igreja evangélica na localidade de José C. Paz. Durante dois anos preguei nessa igreja todas as noites de quinta, sexta e sábado. E Deus operou de modo extraordinário. Em 1987, depois de dois anos desse esforço evangelístico, 40 pessoas foram batizadas. Aquele foi o ano em que mais pessoas foram conduzidas aos pés de Cristo, e também foi o começo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, do bairro Sagrada Família, em José C. Paz. A recordação dessa experiência me motiva a louvar a Deus. Gosto de pensar que foi a partir desse momento que aprendi a amar o evangelismo.

Quais conselhos e palavras de ânimo o senhor daria aos anciãos que desejam se envolver mais na missão

e, especialmente, no evangelismo de plantio de igrejas?

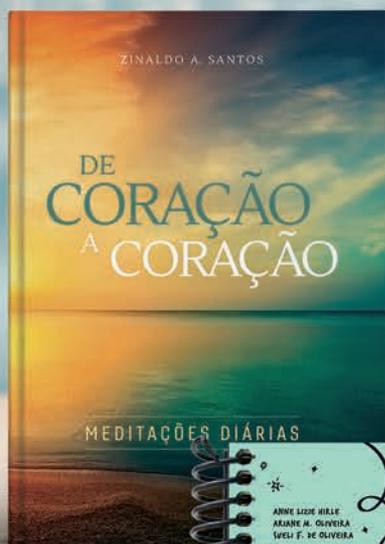
Na verdade, não sou muito inclinado a dar conselhos. Mas talvez em razão de minha experiência eu possa incentivar o anciano da igreja a cumprir a tarefa para a qual Deus nos chamou. Tenho consciência de que a obra do ancião é de grande responsabilidade, pois desempenha papel semelhante ao do pastor da igreja. Sua obra envolve ajudar, animar e dirigir a igreja. Sobre ele recaem as várias situações da igreja local para resolver, e isso, às vezes, se torna desgastante. Pessoalmente, tenho aprendido que o evangelismo renova as forças para continuar cumprindo o ministério do anciano. Para mim, uma campanha evangelística é como um oásis. Ele nos proporciona a alegria de ver o que Deus realiza na vida das pessoas por meio de nós. Seguramente, a execução dessa tarefa nos dá satisfação ao desempenhar o anciano.

O envolvimento nessa obra também nos ajuda a mudar o modo de ver os membros da igreja. Ou seja, também aprendemos a vê-los não como são ou estão sendo, mas no que poderão se tornar nas mãos de Deus. Por isso, eu animo os anciãos a cumprir o ministério que o Senhor nos deu. Fazendo assim, nossa fé e nosso amor cristão serão fortalecidos, e teremos o firme propósito de cumprir a vontade do Senhor. Alcançamos tudo isso quando dedicamos nossos esforços à salvação das pessoas por quem Cristo morreu.

Prezados anciãos, permita Deus que, ao chegar ao final de nossa vida, possamos fazer nossas as palavras do apóstolo Paulo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto Juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda" (2Tm 4:7, 8). **a**

Crie bons hábitos de leitura para você e sua família.

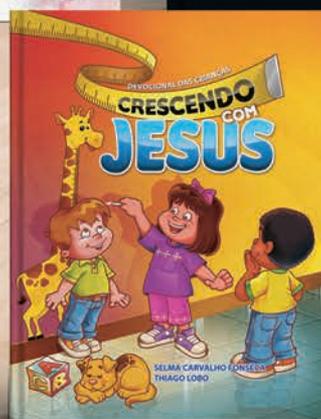
MKT CPB | Petrolia



NOVO PRODUTO



NOVO PRODUTO



Comissão de nomeações

O sistema de analisar e discutir os assuntos primeiramente em comissões tem sido benéfico para a igreja.

Deus nunca deixou Seu povo sem liderança. No passado, Ele guiou Sua igreja por meio dos patriarcas, profetas, juízes e reis. Por meio de sonhos e visões, Ele comunicou Sua vontade a pessoas em particular e, de modo geral, a Seu povo (Jr 7:25; Os 12:10).

Com o surgimento da igreja cristã primitiva, sob a direta atuação do

Espírito Santo, Deus continuou liderando a igreja por meio de reuniões que apontavam pessoas para as diversas funções de liderança, bem como, buscavam soluções para as crises que surgiam. Em sua fase inicial, a igreja cristã teve que contornar algumas situações que requereram tato, sabedoria e acima de tudo, a orientação divina na condução das demandas administrativas.

Logo no início, a igreja se depa-rou com a necessidade de buscar o substituto de Judas no apostolado (At 1:21, 22, 25). A igreja orou pedindo a orientação divina para essa nomeação (At 1:24). E o nome indicado foi o de Matias (At 1:26). Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, relata outras situações em que a igreja teve que tomar decisões que envolveram

pessoas e situações administrativas. Por exemplo, a instituição dos diáconos (At 6:5, 6), a separação para a obra missionária de Barnabé e Paulo pelo ato de ordenação na igreja de Antioquia (At 13:1-3), o concílio de Jerusalém, onde os apóstolos e presbíteros, representando as igrejas estabelecidas, se reuniram “para examinar a questão” (At 15:6), e outros exemplos.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia adotou o sistema representativo de governo eclesiástico em que “as diferentes entidades denominacionais de nossa Igreja são dirigidas pelas comissões diretivas ou por assembleias” (*Regras de Ordem*, 2019, p. 64). Em se tratando de considerar ou analisar vários assuntos pertinentes a uma assembleia da igreja, “é mais fácil discutir em



detalhes alguns assuntos em grupos menores. O sistema de comissões permite analisar antecipadamente os itens que serão posteriormente tratados em plenário” (Ibid., p. 65).

A COMISSÃO DE NOMEAÇÕES

As indicações para cargos eletivos ou cargos que requerem nomeação são feitas por meio de uma comissão de nomeações designada pelo plenário. Por ser um sistema indireto de indicar pessoas para determinadas funções, isto exclui as campanhas pessoais ou corporativas. Nesse contexto, é fundamental que cada delegado de uma assembleia de Associação ou membro de uma comissão de nomeações de uma igreja local considere o seguinte: “Os delegados à Assembleia da associação não são escolhidos meramente para representar a igreja ou a Associação. Eles devem enxergar a obra como um todo, lembrando sua responsabilidade pelo bem-estar da obra mundial da igreja. Não é permitido às delegações da igreja ou da Associação organizar ou tentar conduzir seus votos em bloco. Tampouco é permitido aos delegados

de uma igreja grande reivindicar preeminência na condução dos assuntos durante a Assembleia da Associação. Cada delegado deve estar suscetível à direção do Espírito Santo e votar em harmonia com suas convicções pessoais. Qualquer oficial ou líder da igreja ou da Associação que tentar conduzir os votos de um grupo de delegados deve ser considerado desqualificado para permanecer no cargo” (*Manual da Igreja*, 2015, p. 117, 118).

Evidentemente, esse sistema também “não admite eleições por aclamação, nem propostas feitas diretamente ao plenário, por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, exceto em casos específicos em que a administração da entidade pode apresentar diretamente uma proposta” (*Regras de Ordem*, 2019, p. 70).

Comentando sobre o sistema adventista de eleição, Ellen G. White escreveu: “Cada membro da igreja tem participação na escolha dos oficiais da igreja. Esta escolhe os oficiais das Conferências estaduais. [Conhecidas hoje por Associações.] Os delegados escolhidos pelas Associações estaduais escolhem

os oficiais das Uniões; e os delegados escolhidos por estas, escolhem os oficiais da Associação Geral. Por meio desse sistema, cada Associação, instituição, igreja e pessoa, quer diretamente quer por meio de representantes, participa da eleição dos homens que assumem as responsabilidades principais na Associação Geral” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 240, 241).

FUNÇÃO DA COMISSÃO DE NOMEAÇÕES

O sistema de analisar e discutir os assuntos primeiramente em comissões tem sido benéfico para a igreja. “A comissão de nomeações deve ser escolhida no início do último trimestre do ano eclesiástico e deve apresentar seu relatório no mínimo três semanas antes do último sábado do ano [...] A igreja, então, deve nomear uma comissão organizadora responsável por escolher a comissão de nomeações” (*Manual da Igreja*, 2015, p. 113). Na igreja local, compete a essa comissão “estudar as necessidades da igreja e inquirir quanto à aptidão dos membros para servir nas diferentes funções” (ibid., p. 113).

Na igreja cristã, para a nomeação do substituto de Judas, a postura da igreja foi: “E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado” (At 1:24, 25). “Esta deve ter sido uma oração tremenda, brotando de uma fé simples e insistente. Em todos os grandes momentos da igreja apostólica, a oração foi o recurso buscado de maneira espontânea. [...] A experiência da igreja deve ser sempre assim, tanto no passado quanto agora” (*Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 6, p. 118). De fato, hoje a postura da igreja em suas assembleias desde a igreja local até as instâncias administrativas não deve ser diferente. A tarefa de nomear



peças para assumir as funções na igreja é algo que requer a direção de Deus, haja vista que isso está relacionado com o crescimento da igreja, principalmente em sua espiritualidade.

Portanto, “o presidente [da comissão de nomeações] deve convocar uma reunião o mais cedo possível, após sua nomeação. Com fervorosa oração, a comissão deve começar preparando uma lista de nomes para todas as funções da igreja. [...] Ao fazer as eleições, a comissão pode se aconselhar com outras pessoas que estejam bem informadas” (*Manual da Igreja*, 2015, p. 114, 115).

MEMBROS DA COMISSÃO DE NOMEAÇÕES

Um ponto importante para a dinâmica e funcionamento de uma comissão de nomeações é o estado de espírito de seus componentes. “Unicamente membros em posição regular devem ser escolhidos como integrantes dessa comissão. Devem ser pessoas de bom-senso, que tenham no coração o bem-estar e a prosperidade da igreja” (*Ibid.*, p. 114). Não basta apenas o aspecto legal, isto é, ser membro regular da igreja. Afinal, ter o nome no livro de membros da igreja é uma coisa; ter espírito denominacional, e que o interesse maior seja a prosperidade espiritual e missionária da igreja é outra coisa.

Sobre isso, Ellen G. White escreveu: “Lembrem-se os que assistem às reuniões de comissões, que eles ali se reúnem com Deus, que lhes deu a sua obra. Reúnam-se com reverência e coração consagrado. Ajuntam-se para estudar questões importantes relacionadas com a causa do Senhor. Em todos os pormenores, seus atos devem mostrar que estão desejosos de conhecer Sua vontade no tocante aos planos a ser delineados para a promoção de Sua obra. Não percam um momento com conversas destituídas de importância, pois os negócios

do Senhor devem ser efetuados de modo prático, perfeito. Se algum membro de uma comissão for descuidado e irreverente, seja ele lembrado de que se acha na presença de uma Testemunha por quem são pesados todos os atos. Fui instruída quanto a que nem sempre as reuniões de comissões agradam a Deus. Alguns têm comparecido a essas reuniões com espírito indiferente, endurecido, crítico, desamoroso. Esses podem produzir grande dano, pois com eles está o maligno, que os conserva no lado errado. Não raro sua atitude insensível para com medidas que estão sendo estudadas produz perplexidade, retardando decisões que deveriam ser tomadas” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 196).

CONSELHOS OPORTUNOS

Por meio do salmista, Deus prometeu: “Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as Minhas vistas te darei conselho” (Sl 32:8). Ao longo da história da igreja, Deus sempre esteve orientando Seu povo, e nestes últimos dias, Ele enviou conselhos por meio do Espírito de Profecia à liderança e aos membros da igreja, inclusive para os membros de assembleias e comissões.

Eis alguns deles:

- ❖ “Que cada um dos que se assentam em concílios e reuniões de comissões escreva no coração as palavras: Estou trabalhando para o tempo e a eternidade; eu sou responsável perante Deus pelos motivos que me levam à ação. Seja esta a sua divisa. Seja sua a oração do salmista: ‘Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca; guarda a porta dos meus lábios. Não inclines o meu coração para o mal’ [Sl 141:3, 4]” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 198).
- ❖ “É importante, em nossas reuniões de negócios não se perder precioso tempo em debater pontos de pouca importância. O hábito da crítica mesquinha não deve ser alimentado,

pois deixa os espíritos perplexos e confundidos, e envolve em mistério as coisas mais claras e simples. Se existir entre os irmãos aquele amor, que os leva a estimar os outros acima de si mesmos, cederão suas próprias ideias e desejos ante os dos outros. É nosso dever estudar, a cada dia e a cada hora a maneira pela qual podemos atender à oração de Cristo, de que Seus discípulos sejam um, assim como Ele e o Pai são um. Preciosas são as lições que se podem aprender por manter diante de nós a oração de nosso Salvador, e fazer nossa parte para cumprir Seu desejo” (*Obreiros Evangélicos*, p. 447).

- ❖ “A vereda dos homens que estão colocados como líderes não é fácil. Mas eles devem ver em cada dificuldade um chamado à oração. Jamais devem deixar de consultar a grande Fonte de toda a sabedoria. Fortalecidos e iluminados pelo Obreiro-Mestre, serão capacitados a permanecer firmes contra pecaminosas influências, e a discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal. Aprovarão o que Deus aprova, e se empenharão com todo o fervor contra a introdução de princípios errôneos em Sua causa” (*Profetas e Reis*, p. 31).
- ❖ “É a pior espécie de tolice deixar o Senhor fora de nossos concílios e pôr a esperança na sabedoria humana. Vocês estão em seus cargos de confiança, em especial sentido, para ser a luz do mundo. Deveriam, pois, sentir um intenso desejo de pôr-se em ligação com o Deus da sabedoria, da luz e do conhecimento, para que possam ser condutos de luz” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 561). ■

Uesley Peyeri

Secretário associado
na Divisão Sul-Americana



Interpretação correta

A exemplo das Sagradas Escrituras, é fundamental entender corretamente os escritos de Ellen G. White



Quando a Bíblia não é estudada nem interpretada corretamente, o resultado são ideias equivocadas, superficiais e desequilibradas. O mesmo ocorre quando se trata de interpretar os escritos de Ellen G. White.

Como adventistas do sétimo dia, cremos que o dom profético se manifestou no tempo do fim para guiar as pessoas de volta à Bíblia, ressaltando e elucidando seus ensinamentos e aplicando sua mensagem à vida diária, a fim de chamar a atenção para verdades negligenciadas.

No entanto, quando mal compreendidas e distorcidas, as mensagens escritas por Ellen G. White podem ocasionar mais danos do que benefícios. Por isso, para não cairmos nesse erro, é preciso saber como estudar seus escritos. A seguir apresentamos um breve roteiro que ajudará você nessa tarefa.

1. Ore pedindo iluminação –

O dom de profecia é uma manifestação do Espírito Santo. Portanto, para entender a mensagem profética, tanto canônica quanto não canônica, precisamos pedir a ajuda de Deus. Martinho Lutero costumava dizer que “orar bem é a melhor metade do estudo” (*O Grande Conflito*, p. 122).

2. Entenda o papel dos escritos

de Ellen G. White – A Bíblia é a Palavra de Deus, e ponto! As Escrituras são nossa única regra de fé e prática, e nada jamais poderá substituí-las. Ellen G. White nunca pretendeu que seus escritos fossem considerados em pé de igualdade com a Bíblia. Ela escreveu: “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (*O Colportor-Evangelista*, p. 125). Como já mencionado, a finalidade principal de seus livros é nos conduzir à Bíblia, esclarecendo, reforçando e confirmando sua mensagem.

3. Fique atento ao contexto – Você deve conhecer o provérbio que diz que “um texto fora do contexto se torna um pretexto”. Ao ler uma declaração de Ellen G. White, não tire conclusões antes de considerar o que a autora escreveu em todo o artigo, capítulo ou em todo o livro. Ou seja, não despreze o contexto literário.

Outro elemento que você não deve ignorar é o contexto histórico. Muitos textos que parecem obscuros se

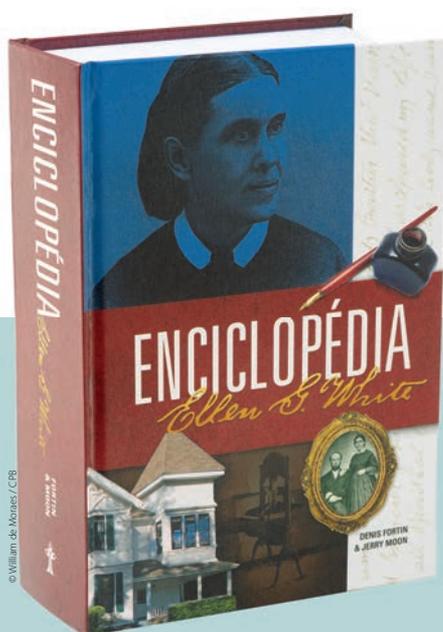
tornam claros quando entendemos as circunstâncias em que foram escritos. Alguns livros que podem ajudar você a conhecer os fatos que influenciaram a obra de Ellen G. White são: *Enciclopédia Ellen G. White*, *Mensagem do Senhor*, *Ellen G. White: Mulher de Visão* e *101 Perguntas Sobre Ellen G. White e Seus Escritos*, todos da Casa Publicadora Brasileira.

4. Concentre-se no assunto principal – Resista à tentação de gastar tempo com detalhes periféricos. Segundo Ellen G. White, “o inimigo de nossa obra se agrada quando um assunto de menor importância [é] usado para desviar a mente de nossos irmãos das grandes questões que devem constituir a preocupação de nossa mensagem” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 164, 165). Por isso, procure identificar e absorver o tema central que a autora desejou enfatizar.

5. Procure textos paralelos – Assim como ocorre com a Bíblia, nos escritos de Ellen G. White uma passagem esclarece a outra. Comparar o que ela

disse em épocas e obras diferentes ajuda a ter uma visão mais ampla sobre o assunto pesquisado. Para facilitar a tarefa de buscar outros textos que falem sobre o mesmo assunto, você pode utilizar o site <egw writings.org>.

6. Identifique o princípio por trás de cada declaração – Nem tudo o que Ellen G. White escreveu tem que ver com nosso tempo e com as circunstâncias de hoje. Mesmo assim, é possível extrair a lição essencial contida em cada ensinamento. Ela aconselhou as moças, por exemplo, a aprender cavalgar e usar ferramentas como a enxada (*Educação*, p. 216, 217). Hoje em dia, esse conselho parece obsoleto, uma vez que boa parte das mulheres já não necessita dessas habilidades específicas. No entanto, o princípio por trás dessa recomendação é o de que as mulheres precisam aprender a ser independentes, para que não dependam o tempo todo do marido. Se estivesse viva hoje, talvez Ellen G. White aconselhasse as irmãs a aprenderem dirigir, consertar um chuveiro, trocar uma lâmpada, etc.



7. Cuidado com os “testemunhos secretos” – Essa é uma expressão jocosa utilizada para se referir a declarações que Ellen G. White nunca fez mas que se tornaram populares entre os membros de igreja. Afirmções como a de que os salvos serão sempre vistos nos cultos de quarta-feira e que igrejas inteiras e seus pastores se perderão são exemplos de declarações “apócrifas”. Pensamentos de outros autores também são atribuídos equivocadamente a Ellen G. White. É o caso da frase: “Devemos viver como se Cristo viesse daqui a 100 anos e preparados como se Ele viesse hoje”, de Ann Lee, líder religiosa do século 18. Por isso é importante sempre checar a procedência das informações que ouvimos.

8. Não use Ellen G. White como “chicote” – Há pessoas que parecem ter prazer em utilizar textos de Ellen G. White para apontar pecados alheios. No entanto, essa nunca foi a intenção da autora, tampouco a finalidade de seus escritos. E por causa desse uso inadequado, muitas pessoas

obtem uma imagem negativa de Ellen G. White, vendo-a como uma senhora antipática e estraga-prazeres – o que, de modo nenhum, corresponde à realidade.

9. Aplique os conselhos à sua vida – Não basta interpretar corretamente a mensagem profética. É preciso colocá-la em prática. Os conselhos de Ellen G. White são riquíssimos e podem nos ajudar a ter uma vida melhor e em harmonia com a Palavra de Deus. Ao se deparar com um pensamento ou recomendação da autora, pergunte a você mesmo: Que lições posso extrair dessas palavras? E como devo colocá-las em prática em minha vida?

10. Ensine aos outros – Especialistas em aprendizagem concordam que uma das melhores maneiras de

aprender é ensinar. Quando transmitimos o conhecimento que obtemos, algo extraordinário acontece em nosso cérebro: os conceitos aprendidos se tornam mais claros e são fixados na memória de maneira muito mais duradoura. Além disso, é parte do plano de Deus que toda mensagem profética seja não apenas recebida, mas também compartilhada.

Um dos maiores desafios da igreja hoje é educar seus membros para interpretar e usar corretamente a Bíblia e os escritos de Ellen G. White. Por isso, como líderes do povo de Deus, é fundamental que conheçamos os passos expostos acima e os apliquemos, dando assim o exemplo em nossa própria vida. A correta interpretação e aplicação da mensagem profética é a base de uma igreja espiritualmente saudável e vibrante no cumprimento da missão. **■**

Eduardo Rueda

Editor responsável pelos livros de Ellen G. White na Casa Publicadora Brasileira.



Júlio César Ribeiro

Assistente no Centro de Pesquisas Ellen G. White e no Centro Nacional da Memória Adventista, sediados no UNASP, campus Engenheiro Coelho, SP.



Como ler em público

Uma habilidade fundamental para o pregador



referida como deveria ser! Às vezes, o pregador anuncia o texto bíblico do seu sermão, mas nem se dá ao trabalho de fazer sua leitura, ou então lê um texto e prega outro. Outros se põem a ler um capítulo inteiro, com 30 ou mais versículos, de forma trôpega, ou monótona, ou monorrítmica. Quão importante e necessário é que os pregadores aprendam a ler o texto de maneira significativa!

Isso não quer dizer que leitura pública tenha que ser pomposa, dramática, formal. Bem ao contrário – veja os bons locutores da TV – o tom deve ser *conversacional*, um

estilo simples e correto de ler, que valoriza os substantivos e os verbos, que destaca alguns pronomes e conjunções, e respeita as vírgulas, os dois pontos, e todas as demais pausas, cada uma com sua duração adequada, para que o ouvinte compreenda cada parte do pensamento.

Outro aspecto a ser valorizado é a *convicção*. Quem lê diante de um público precisa evidenciar que crê, concorda e vibra com o texto que está lendo.

Além dessas duas qualidades, o professor Jeffrey Arthurs (*Arte e Ofício da Pregação Bíblica*, p. 763, 764) sugere três técnicas específicas:

Há um texto bíblico que temos usado muitas vezes, ou para destacar que Jesus guardava o sábado e tinha o costume ir à sinagoga nesse dia, ou para ver ali o sumo da missão redentora de Cristo. Mas quero chamar sua atenção para um “detalhe” frequentemente esquecido nessa passagem: você notou que Jesus *levantou-Se para ler* o texto de Isaías, e quando *sentou-Se* “todos na sinagoga tinham os olhos fitos Nele” (Lc 4:16-20)?

Naqueles tempos, quem fosse ler as Escrituras tinha que se colocar em pé como sinal de reverência, mas também posição estratégica para pronunciar clara e enfaticamente cada frase, e

conquistar a atenção e o interesse dos que estavam no local. Pela forma enfática com que o evangelista Lucas registrou o momento, dá a entender que Jesus realizou essa leitura com tamanha habilidade e nobreza que a mensagem divina ganhou vida e impressionou todos. Depois, para fazer Seus comentários, ou seja, na hora de pregar o sermão propriamente dito, Jesus sentou-Se. Portanto, a ocasião máxima era a da leitura do texto sagrado.

LEITURA EFICIENTE

Que diferente é o que acontece infelizmente em muitas pregações atuais, quando a Bíblia nem é ouvida nem

1. Silêncio. Dá aos ouvintes tempo para pensar, permite tempo para a resposta, eleva a tensão e destaca as ideias. Pessoas que fazem a leitura tendem a negligenciar o silêncio porque faz com que elas se sintam expostas, mas precisam vencer esse sentimento. O silêncio ajuda a congregação a processar e imaginar.

2. Dicção. A dicção e a entonação são cruciais para ajudar os ouvintes a compreender as ideias do texto. Leitores eficientes gastam tempo preparando a leitura... e usam um volume de voz mais forte, voz mais aguda ou ritmo mais lento, para destacar as ideias principais.

3. Contato visual. É uma técnica relativamente difícil de ser usada na leitura em público. Mas precisa ser usada. Dos canais de comunicação não-verbal, o contato visual talvez seja aquele ao qual atribuímos maior significado... [Por isso,] seus olhos devem se relacionar com seus ouvintes, mais do que com a página... Se você ler o texto em voz alta de cinco a dez vezes, você o saberá quase de cor, e a essa altura já se sentirá confortável para tirar os olhos da página por alguns segundos.

TÉCNICAS QUE FUNCIONAM

- ❖ *Nunca leia em público sem antes sair.* Ainda que você conheça bem a passagem, recapitule-a cuidadosamente. A boa leitura não consiste só em pronunciar bem as palavras; é assimilar no espírito o sentido do texto.
- ❖ *Procure ler como se estivesse falando.* A melhor leitura é a que se parece com uma fala. Numa página impressa, as palavras possuem um peso igual e se movem no mesmo ritmo, mas as palavras faladas são diferentes. Algumas vêm em diferentes tonalidades, com volume variável e muitas pausas, longas e breves.
- ❖ *Procure entender o significado do texto*

a ser lido. Ou até mais, tente apreender o texto, criá-lo novamente para si mesmo, não simplesmente em ideias, mas em imagens, cor, som e tato.

- ❖ *Procure identificar-se com o personagem que fala no texto.* Se são vários personagens, mude a identidade ao passar para a fala de cada um. Isso torna realista o diálogo.
- ❖ *Separe as cenas de uma leitura.* Frequentemente há mudanças de cena, ou voltas do pensamento que merecem ser indicadas por uma pausa longa e mudança no modo de ler.
- ❖ *Utilize-se com sabedoria do silêncio para pontuar a leitura.* As pausas na leitura têm o mesmo sentido que as margens e os espaços desempenham no texto impresso. Nenhuma pessoa instruída escreve sem empregar vírgula, ponto e vírgula e ponto final. Na leitura, as pausas devem ser vivas e significativas, não mecânicas. Aprenda a utilizar as pausas para olhar adiante e captar a unidade de pensamento antes de pronunciá-lo.
- ❖ *Acostume-se a ler frases, e não palavras.* Para treinar isso, marque no texto, frase por frase, separando-as por uma barra e sublinhe as palavras importantes de cada frase e as acentue na leitura.
- ❖ *Exagere um pouco.* O exagero aumenta o efeito de naturalidade. Se duvidar do que estou sugerindo, experimente gravar alguns textos lidos por você e depois tente ouvi-los ou peça a um amigo que os ouça e critique.
- ❖ *A melhor forma de se acostumar com um texto é lendo-o, cinco a dez vezes, em voz alta.* A repetição da prática melhora a habilidade.
- ❖ *Ore, para que o Espírito Santo o ilumine e o ajude a compreender a mensagem do texto, para poder enunciá-lo da melhor forma possível.*

HONRANDO A PALAVRA

Com mais habilidade para ler em público, os pregadores poderiam honrar e exaltar a Palavra de Deus. Imagine o efeito de ler um salmo, ou um dos capítulos da Bíblia, ou duas ou três páginas escolhidas do Espírito de Profecia! Já ouvi leituras excelentes, inclusive de algumas das curtas epístolas do Novo Testamento, lidas inteiras. Nesses momentos, testemunhamos o poder da Palavra de Deus, o texto sagrado, simplesmente lido, de modo significativo, claro, apelativo, como parte de uma liturgia. Isso é o que sugeriu o apóstolo Paulo ao seu jovem discípulo Timóteo: “Dedique-se à leitura pública da Escritura” (1Tm 4:13, NVI).

Às vezes, a escolha de uma versão bíblica mais moderna (*A Mensagem* ou a *Nova Versão Internacional*) também pode contribuir para que a leitura surpreenda e alcance mais amplamente os ouvintes contemporâneos. De uma forma ou de outra, o texto inspirado está disponível, apenas aguardando que um bom leitor o interprete, revelando a seus ouvintes os pensamentos e os sentimentos do grande Autor.

Vale a pena gastar algum tempo para preparar uma boa leitura bíblica, compreendendo-a tão profundamente que o leitor consiga transmitir todo o seu significado, simplesmente lendo-a perante sua congregação. Essa é uma pregação, na qual o pregador não tem que utilizar nenhuma palavra dele. Somente a Palavra de Deus. E o pregador se torna a própria voz de Deus, para realizar mais do que um sermão seu poderia conseguir. É uma arte. Difícil. Mas que, como todas as demais artes, deve ser usada para honrar e glorificar a Deus, e cumprir a missão que Ele nos confiou. ■



Márcio Dias Guarda

Pastor aposentado.
Reside em Tatuí, SP

William de Moraes

CURSO DE LEITURA 2020



CRIANÇAS E AVENTUREIROS

6 a 9 anos

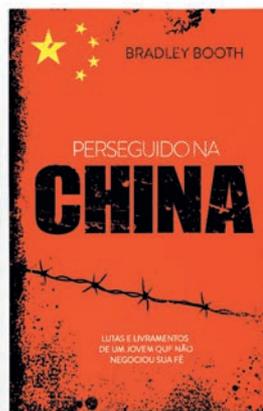
O que acontece nessa casa que a transforma em um lar feliz? Bruno e Nina vão contar tudo para você. Esta obra é uma indicação de leitura muito agradável tanto para pais quanto para filhos, e mostra que é possível ter um lar cheio de alegria e amor, um refúgio de paz e harmonia.



JUVENIS E DESBRAVADORES

10 a 15 anos

Violeta perdeu a melhor amiga Elaray, com apenas 13 anos, em um acidente de carro. Após receber a caixa de pertences secretos de sua amiga, a menina encontrou um Caderno de Objetivos Semanais. Havia ainda um objetivo não riscado, em parte por sua causa. E agora? Ela cumpriria o último objetivo da lista? E que objetivo seria esse?



JOVENS

Imagine-se em um país onde é proibido louvar a Deus, reunir-se para estudar a Bíblia ou declarar-se cristão. É nesse contexto que a graça divina se manifesta de forma mais evidente e poderosa. Conheça o testemunho inspirador de um missionário que, mesmo preso, não ousou desistir de sua missão.



UNIVERSITÁRIOS

O livro descreve como, pelo uso consciente e correto do livre-arbítrio, Jesus Cristo conseguiu restaurar a tão almejada liberdade e concedê-la a todos os que, de igual forma, desejam ser libertos da escravidão do pecado e decidem, por livre e espontânea escolha, se submeter à vontade de Deus.

LIVRO DO ANO

Muito mais do que uma casa em que se abrigar, o lar é formado por pessoas que se amam e são amadas. Pelo menos esse é o ideal. Como vive uma família em que um, alguns ou todos os seus membros aguardam a vinda de Jesus Cristo? *O Lar Adventista* descreve como a esperança faz a diferença, produzindo harmonia, respeito e amor no relacionamento familiar.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



A suficiência da cruz

Hebreus 10:10

INTRODUÇÃO

1. “O sacrifício de Cristo, como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento diante de vocês o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isso tem que ser o fundamento de todo discurso feito pelos nossos pastores” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 315).
2. Martinho Lutero afirmou: “Deus somente pode ser encontrado no sofrimento e na cruz (de Cristo)” (*Obras de Lutero*, Col. XXXI, p. 53). A teologia da cruz foi o princípio motivador de toda a teologia e do pensamento desse reformador.
3. Jürgem Moltmann, teólogo alemão, declarou: “A Teologia da Cruz não é um simples capítulo na Teologia, mas a chave de toda Teologia cristã” (*O Deus Crucificado*, p. 72).

I – CRISTO VEIO PARA SERVIR

1. Ler Marcos 10:45
2. A Divindade, na pessoa do Filho, não entrou em cena para buscar a glória humana. Ele já é a própria glória (Jo 1:14).
3. Sua vida e morte foram motivadas pelo desejo profundo de oferecer Sua glória à humanidade caída. A glória da eternidade; a glória da misericórdia; a glória do amor e a glória do perdão.
4. Justamente antes de morrer, Jesus exclamou com forte voz a Seu Pai: “Está consumado!” (Jo 19:30), significando que Sua missão havia sido cumprida. Dessa maneira, Cristo morreu como um Conquistador. Sua morte foi substitutiva, planejada pelo Pai (1Pe 1:18-21) e, portanto, expiatória.
5. Não há outra forma pela qual seres humanos possam ser salvos. Cristo, suspenso sobre a cruz, é o evangelho da reconciliação. Ele é o Cordeiro de Deus para quem apontavam todos os antigos sacrifícios (Jo 1:29).

6. Portanto, não nos envergonhemos da cruz de Cristo, porque somente ali a justiça e o amor de Deus foram plenamente demonstrados, expondo o triunfo de Cristo sobre todo o poder satânico (Cl 2:15).

II – O CARÁTER DA CRUZ

1. Ler Colossenses 2:14, 15
2. Ellen G. White escreveu: “A lei requer justiça – vida justa, caráter perfeito; e isso o homem não tem para dar. Não pode satisfazer as reivindicações da santa lei divina. Mas Cristo, vindo à Terra como homem, viveu vida santa, e desenvolveu caráter perfeito. Esses Ele oferece como dom gratuito a todos quantos o queiram receber. Sua vida substitui a dos homens. Assim obtêm remissão de pecados passados, mediante a paciência de Deus. Mais que isso, Cristo lhes comunica os atributos divinos. Forma o caráter humano segundo a semelhança do caráter de Deus, uma esplêndida estrutura de força e beleza espirituais. (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 762).
3. O evangelho da cruz é para ser proclamado a todas as povos e etnias para que o Espírito Santo conduza pessoas de volta aos caminhos de Deus (Mt 24:14; Ap 14:6, 7). Cristo disse: “E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim” (Jo 12:32).
4. As boas-novas, a grande e maravilhosa notícia é que “aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:12).
5. A cruz do calvário é a porta que abre o caminho para o Céu e para a vida imortal. É o antídoto que cura a alma da doença do pecado. É a luz que traz claridade ao coração. É o alimento que nutre os sonhos e a esperança.

III – PEREGRINAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO

1. O povo de Israel viveu experiências práticas da vida espiritual e do plano da redenção. Podemos dividir essa experiência do povo em três fases: Primeira, sua fase permanente no Egito. Segunda, sua peregrinação no deserto rumo ao

Sinai. Terceira, a grande e triunfante chegada à terra de Canaã.

2. Sob essa perspectiva, a pergunta que precisa ser respondida é: Em qual dessas fases o povo de Israel recebeu a justificação? No Egito, no Sinai ou em Canaã? Onde ocorreu o derramamento do sangue? Resposta: O cordeiro foi morto e seu sangue aspergido quando o povo ainda estava no Egito. Portanto, a justificação não ocorre quando recebemos a lei e menos ainda quando chegamos em Canaã, mas quando, em tempos de Egito, buscamos o perdão e a misericórdia de Deus. Isso significa que a justificação é a primeira ação de Deus na vida do pecador contrito e arrependido que O busca.
3. Sobre isso, Ellen G. White escreveu: “A graça de Cristo é gratuita para justificar o pecador, sem qualquer mérito ou exigência de sua parte. Justificação é o perdão total do pecado. No momento em que o pecador aceita a Cristo pela fé, ele é perdoado. A justiça de Cristo lhe é imputada, e ele não mais deve duvidar da graça perdoadora de Deus” (*O Cuidado de Deus*, p. 325).

CONCLUSÃO

1. “A eficiência da cruz guardará a humanidade redimida dos perigos de uma segunda queda. A vida e a morte de Cristo desmascararam os enganos de Satanás e refutaram seus reclamos. O sacrifício de Cristo por um mundo caído unirá homens e anjos mediante laços indestrutíveis. Por intermédio do plano da salvação, a justiça e a misericórdia de Deus são plenamente vindicadas, e por toda a eternidade a rebelião jamais tornará a erguer-se, nem a aflição voltará jamais a aparecer no Universo de Deus” (*A Verdade Sobre os Anjos*, p. 296).
2. Justificação é o ato de Deus em nos considerar justos. É por meio de Cristo que somos aceitos.

Gilberto Theiss

Pastor no Estado do Ceará

Uma igreja unida

Atos 2:42-47

INTRODUÇÃO

1. A unidade da igreja é o resultado de uma experiência espiritual compartilhada em Jesus, que é a verdade (Jo 14:6).
2. A experiência dos discípulos, após a ascensão de Cristo ao Céu, é um testemunho do poder da Palavra de Deus, da oração e da unidade e harmonia entre cristãos.
3. Os primeiros adventistas tiveram essa experiência no movimento milerita. Sua experiência coletiva, em 1844, uniu seu coração enquanto buscavam uma explicação para seu desapontamento. Essa experiência deu a luz à Igreja Adventista do Sétimo Dia e a verdade sobre o juízo investigativo, e tudo o que ele envolve.

I – PREPARO PARA A UNIDADE

1. Ler Atos 1:12-14
2. Estes dez dias foram um período de preparação espiritual. Foi um “retiro” durante o qual os discípulos compartilharam as lembranças dos ensinamentos e milagres de Cristo.
3. Ellen G. White escreveu: “Enquanto os discípulos esperavam o cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade. Trazendo à lembrança as palavras que Cristo lhes havia dito antes da morte, entenderam mais amplamente seu significado. [...] E determinaram que, tanto quanto possível, expiariam sua incredulidade, confessando-O corajosamente perante o mundo [...]. Pondo de parte todas as divergências, todo desejo de supremacia, uniram-se em íntima comunhão cristã” (*Atos dos Apóstolos*, p. 36, 37). Os dias de preparação espiritual, após a ascensão de Jesus, culminaram com o Pentecostes (At 2:1-4).

II – UNIDADE REAL

1. Ler Atos 2:45-47
2. Eles também passavam tempo em oração e partindo o pão. A menção à comunhão pressupõe que esses cristãos passavam tempo juntos, com frequência

e regularmente, tanto no templo em Jerusalém quanto em suas casas. Eles comiam e oravam juntos.

3. A oração é vital em uma comunidade de fé e é essencial ao crescimento espiritual.
4. Esse ato de compartilhar os bens não era uma exigência da comunidade, mas uma expressão concreta desse amor voluntário.
5. Esse apoio mútuo continuou por algum tempo, e obtemos mais detalhes a esse respeito em Atos 4. Nesse contexto, Barnabé foi apresentado. Ele era rico e possuía terras. Tendo vendido sua propriedade, levou o dinheiro aos apóstolos (At 4:36, 37). Barnabé é retratado como um exemplo a ser seguido.
- a) Ellen G. White escreveu: “Essa liberalidade da parte dos crentes foi o resultado do derramamento do Espírito Santo (At 2:44, 45; 4:32-35). ‘Era um o coração e a alma’ (At 4:32) dos conversos ao evangelho. Um interesse comum os guiava – o êxito da missão a eles confiada; e a avareza não tinha lugar em sua vida. Seu amor aos irmãos e à causa que haviam abraçado era maior do que o amor ao dinheiro e às posses” (*Atos dos Apóstolos*, p. 70).
6. Essa comunhão perseverante gerou bons relacionamentos com outras pessoas em Jerusalém. Os novos cristãos foram descritos como pessoas que contavam “com a simpatia de todo o povo” (At 2:47).

III – UNIDADE EM NOSSOS DIAS

1. Ler João 17:11, 20, 21
2. A experiência de unidade na igreja primitiva mostra o que pode ser feito hoje. Contudo, essa unidade não foi possível sem o compromisso de todos os cristãos.
3. Os líderes da comunidade primitiva compreendiam que seu ministério era promover a unidade em Cristo. Assim como o amor entre os cônjuges e os filhos é um compromisso que deve ser nutrido todos os dias, também é assim a unidade entre os cristãos.
4. Os elementos que promoveram a unidade na igreja primitiva foram oração, adoração, comunhão, uma visão em comum

e o estudo da Palavra de Deus. Os cristãos não apenas compreenderam sua missão de pregar o evangelho a todas as nações, mas também perceberam que tinham a responsabilidade de amar e cuidar uns dos outros.

5. A unidade deles se manifestava em sua generosidade e apoio mútuo na comunidade local e na igreja, mesmo que fossem separadas por longas distâncias.
- a) Ellen G. White declarou: “Assim será sempre, quando o Espírito de Deus tomar posse da vida. Aqueles cujo coração transbordar do amor de Cristo seguirão o exemplo Daquele que, por amor de nós, tornou-se pobre, para que por Sua pobreza enriquecêssemos. Dinheiro, tempo, influência, todos os dons que receberem das mãos de Deus, serão apreciados por eles apenas como meio de fazer avançar a obra do evangelho. Assim foi na igreja primitiva; e quando na igreja de hoje for visto que, pelo poder do Espírito, os membros retiraram suas afeições das coisas do mundo e se dispõem a fazer sacrifícios a fim de que seus semelhantes possam ouvir o evangelho, as verdadeiras proclamadas terão poderosa influência sobre os ouvintes” (*Atos dos Apóstolos*, p. 71).

CONCLUSÃO

1. A igreja primitiva experimentou um rápido crescimento porque os discípulos se prepararam para o derramamento do Espírito Santo.
2. Sua comunhão e fé foram os meios usados pelo Espírito Santo a fim de prepará-los para o Pentecostes. Deus transformou a comunidade, como vemos na generosidade de uns para com os outros e no rápido crescimento da igreja.
3. Como igreja nestes tempos modernos, devemos refletir sobre os fatores que uniram a igreja primitiva e fazer o mesmo na comunidade em que estamos inseridos.

Denis Fortin

Professor de Teologia
na Universidade Andrews

O missionário Abraão

Gênesis 12:1, 2

INTRODUÇÃO

1. As três principais religiões do mundo – cristianismo, islamismo e judaísmo são chamadas de “religiões abraâmicas”, porque reconhecem suas raízes nesse grande homem de Deus.
2. Embora Abraão seja admirado como o exemplo máximo de fidelidade, vamos analisar isso de uma perspectiva diferente. Ou seja, vamos pensar em Abraão como missionário. Alguém chamado por Deus para ir para outra terra e testemunhar às pessoas a respeito do Criador e Redentor, o verdadeiro Deus.
3. O Senhor teve para com Abraão e sua família depois dele (Gl 3:29) um triplo propósito: (a) que fossem os recebedores e guardiões da verdade do reino de Deus, que havia sido perdida na história anterior da humanidade; (b) que fossem o meio pelo qual o Redentor entraria na História; e (c) que fossem uma luz para as nações.

I – O CHAMADO DE ABRAÃO

1. Ler Gênesis 12:1
2. Abrão, cujo nome significava “pai exaltado” e que teve seu nome mudado para Abraão, “pai de multidões”, cresceu em Ur, hoje território do Iraque.
3. Deus o chamou para que se separasse do contexto social e espiritual em que vivia para que se mudasse para uma terra desconhecida. Abraão se tornou um missionário-modelo.
4. O patriarca foi chamado a dar um passo de fé. Como resultado de sua fidelidade, todas as nações da Terra seriam abençoadas.
 - a) Ellen G. White escreveu: “Depois da dispersão de Babel, a idolatria tornou-se novamente quase universal, e o Senhor deixou afinal os empedernidos transgressores que seguissem seus maus caminhos, enquanto escolheu Abraão, da linhagem de Sem, e o fez guardador de Sua lei para as gerações futuras. [...] Fiel entre os infiéis, incontaminado pela apostasia prevalecente, com perseverança apegou-se ao culto do

único verdadeiro Deus. [...] Ele comunicou Sua vontade a Abraão, e deu-lhe um conhecimento distinto das exigências de Sua lei, e da salvação que se realizaria por meio de Cristo” (*Patriarcas e Profetas*, p. 125).

II – O TESTEMUNHO DESTE MISSIONÁRIO

1. Ler Gênesis 12:4; Hebreus 11:8, 9
2. Um estudo da vida de Abraão revela que sua fé incluiu diferentes lutas contra a dúvida e a incredulidade a respeito do poder de Deus. Seus ancestrais eram idólatras (Js 24:2), e talvez esse contexto explique por que ele nem sempre teve plena confiança no poder de Deus (Gn 12:11-13; 17:17; 20:2). Apesar de suas falhas, Abraão desejava ser usado por Deus. E, dessa forma, o Senhor moldou seu caráter.
3. Um dos meios que Deus usou para transformar Abraão num reformador e missionário foram suas muitas peregrinações. As mudanças que os peregrinos experimentavam quando tinham que andar por longas distâncias, dormir em outros lugares, comer comidas diferentes, enfrentar outro clima e conhecer outras pessoas evidenciavam sua vulnerabilidade e, assim, aperfeiçoavam sua fé. Ellen G. White escreveu: “Deus chamou Abraão para ser ensinador de Sua palavra, [...] porque viu que ele instruiria os filhos e sua casa nos princípios da Sua lei. O que dava poder ao ensino de Abraão era a influência de sua própria vida. Sua grande casa consistia em mais de mil pessoas, muitas das quais chefes de famílias, e não poucos recém-conversos do paganismo” (*Educação*, p. 187).
4. A família é o primeiro campo missionário. E isso foi uma realidade na vida de Abraão (Gn 18:19).

III – NOSSO CHAMADO

1. Ler Lucas 5:8-10
2. O contexto imediato dessa passagem bíblica é a pescaria dos discípulos. Jesus disse que, a partir daquele dia, eles

seriam pescadores de homens. Aqui está nosso chamado para buscarmos as pessoas, salvando-as para o reino de Deus.

3. Sobre o chamado individual para a obra missionária, Ellen G. White tem inspiradoras declarações:
 - a) “Não foi uma pequena prova aquela a que foi assim submetido Abraão, [...]. Muitos ainda são provados como ele foi. Não ouvem a voz de Deus falando diretamente do Céu, mas Ele os chama pelos ensinamentos de Sua Palavra e acontecimentos de Sua providência. [...] Quem está pronto, ao chamado da Providência, para renunciar planos acariciados e relações familiares? Quem aceitará novos deveres e entrará em campos não experimentados, fazendo a obra de Deus com um coração firme e voluntário? [...] Aquele que deseja fazer isso tem a fé que Abraão teve” (*Patriarcas e Profetas*, p. 126, 127).
 - b) “Deus espera serviço pessoal da parte de todo aquele a quem confiou o conhecimento da verdade para este tempo. Nem todos podem ir como missionários para terras estrangeiras, mas todos podem, na própria pátria, ser missionários na família e entre os vizinhos” (*Serviço Cristão*, p. 9).
 - c) “Salvar pessoas deve ser a obra vitalícia de todo aquele que professa seguir a Cristo. Somos devedores ao mundo pela graça que nos foi dada por Deus, pela luz que brilhou sobre nós, e pela beleza e poder que descobrimos na verdade” (*ibid.*, p. 10).

CONCLUSÃO

1. Ler Gálatas 3:8, 9
2. Abraão foi fiel ao chamado que Deus lhe fez para ser missionário em seu tempo, se tornando ancestral de um grande povo.
3. Por meio dele, Deus anunciou o evangelho ou a salvação pela fé às pessoas.
4. Pela fé somos filhos de Abraão. E Deus espera que sigamos este exemplo de vida missionária. Façamos todos a nossa parte.

Borge Schantz

Serviu à igreja por 47 anos em vários países do mundo.

Secularismo: péssima influência

Romanos 12:1, 2

INTRODUÇÃO

1. O conselho inspirado da Palavra de Deus é que Seu povo não harmonize seu estilo de vida “com este século” (Rm 12:2), mas a riqueza e o que pensamos que ela pode trazer são poderosos e nos seduzem a buscar uma vida secularizada.
2. Não há nada de errado em ser rico, nem mesmo em trabalhar para prosperar, a fim de prover confortavelmente seu sustento e o de seus queridos. Mas quando o dinheiro passa a abranger todas as coisas, caímos na armadilha do diabo e nos conformamos com este mundo.
3. O mundo transmite a ideia de que a vida boa e abundante só pode ser encontrada no dinheiro. Mas o dinheiro é uma máscara por trás da qual Satanás se esconde para garantir nossa lealdade, mas as coisas materiais não podem satisfazer nossas necessidades mais profundas.

I – O DEUS DESTE SÉCULO

1. Ler 1 João 2:15-17
 2. A recomendação do apóstolo é que não devemos amar o mundo e nem suas coisas.
 3. “No Novo Testamento, *kosmos* (grego), muitas vezes representa o povo ímpio, alienado e hostil a Deus, ou ocupado com assuntos mundanos que levam para longe de Deus” (*Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 7, p. 706).
 4. De fato, o secularismo é um estilo de vida em que tudo se resume ao presente estado de coisas. Já no tempo de Cristo, essa onda buscava suplantar a vida espiritual das pessoas.
- a) Ellen G. White escreveu: “Quando Cristo veio à Terra, a humanidade parecia estar rapidamente atingindo seu ponto mais degradante. Os próprios fundamentos da sociedade estavam desarraigados. A vida havia se tornado falsa e artificial. Os judeus, destituídos do poder da Palavra de Deus, davam ao mundo tradições e especulações que obscureciam a mente e amorteciam a alma. A adoração de Deus, “em espírito e em

verdade” (Jo 4:23), tinha sido suplantada pela glorificação dos homens em uma rotina infundável de cerimônias de criação humana. Pelo mundo, os sistemas todos de religião estavam perdendo seu poder sobre a mente e a alma. Desgostosos com as fábulas e falsidades, e procurando abafar o pensamento, os homens volviam à incredulidade e ao materialismo. Deixando de contar com a eternidade, viviam para o presente” (*Educação*, p. 74, 75).

II – A FUTILIDADE DO SECULARISMO

1. Ler Lucas 12:15-21
2. Essa parábola é aplicável em muitas partes do mundo, onde a vida é dedicada quase que exclusivamente à aquisição de bens. Quer sejamos ricos quer pobres, nosso desejo de possuir coisas pode desviar nossa mente do que realmente importa e fazer com que nos concentremos apenas no que é temporal, fugaz e que não compensa a perda da vida eterna.
3. Provavelmente, jamais nos curvaremos diante de uma estátua de ouro ou prata para adorá-la. No entanto, a vida moderna, com sua influência secularizada, tenta nos induzir a adorar o ouro e a prata de outras formas. “A maior necessidade das pessoas não é de alto salário ou lucros maiores. Elas precisam de uma mudança de coração e mente que as levará a buscar primeiro o reino de Deus e Sua justiça, em plena confiança de que as necessidades da vida ‘serão acrescentadas’ [Mt 6:33]” (*Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 5, p. 877). Atualmente, toda a estratégia de *marketing* é desenvolvida para nos fazer pensar que não podemos ser felizes nem estar satisfeitos até que tenhamos o que está sendo posto à venda. Uma empresa bem-sucedida cria um produto, nos faz pensar que precisamos dele, e depois o vende para nós. Lamentavelmente, a verdade é que quase sempre isto funciona!

III – FUGINDO DESSA INFLUÊNCIA

1. Ler Gálatas 5:16, 17; 1 Timóteo 6:6-10
2. Paulo instruiu Timóteo a se acautelar de muitas coisas (2Tm 3:1-5) referentes aos últimos dias. O amor ao dinheiro promove o excesso de confiança e uma postura imponente de egocentrismo e presunção. Isso ocorre porque o materialismo incute nas pessoas que têm grandes posses um elevado senso de importância.
3. Quando se tem muito dinheiro, é fácil estimar a si mesmo mais do que se deveria. Afinal de contas, todo mundo quer ser rico, mas apenas um número muito pequeno de pessoas consegue. Por isso, é fácil para os ricos se tornarem egocêntricos, orgulhosos e jactanciosos.
4. Podemos e devemos fugir dessa influência destruidora por meio do estudo devocional da Palavra, de oração constante e da sabedoria que Deus nos proporciona (Tg 1:5).
5. Encontramos estes conselhos em diversos textos bíblicos (Dt 8:17-20; Sl 119:11; Lc 10:40-42, 12:15; Ef 6:18; Cl 3:2) e outros mais.
6. A única cura para o secularismo, seja qual for sua forma, é a contínua devoção a Cristo nos altos e baixos da vida. Antes de qualquer outro relacionamento, Cristo deve ser nossa prioridade.

CONCLUSÃO

1. Ler Mateus 16:24-26
2. O secularismo tem sido adotado por ricos e pobres. Ele não pode falar, mas conhece todas as línguas. Sabe como proporcionar prazer e gratificação àqueles que o adotam, mas ele não pode resistir ao domínio do Espírito Santo quando nos entregamos a Deus e decidimos, por Sua graça, não deixar que esse estilo de vida nos governe.
3. Embora necessitemos das coisas materiais, busquemos cada dia priorizar nossa vida espiritual.

John H. H. Mathews

Diretor do Ministério de Mordomia Cristã na Divisão Norte-Americana

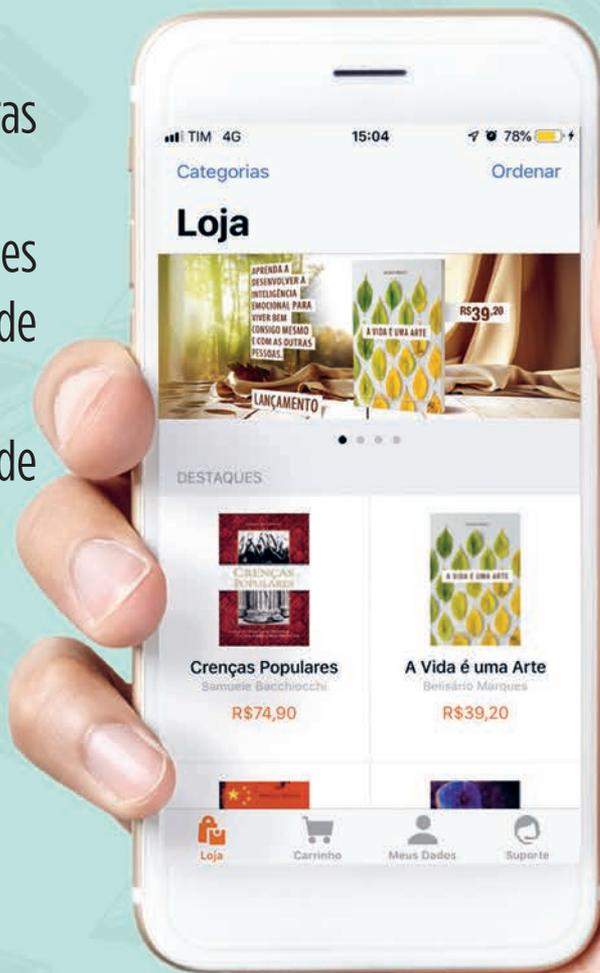
BAIXE NOSSO NOVO APP

Chegou o app oficial de compras da Casa Publicadora Brasileira. Compre livros, lições, meditações e todos os nossos produtos de qualquer lugar. Se precisar de ajuda, você pode falar conosco pelo WhatsApp diretamente do aplicativo.

MKT CPB | Fotolia



Baixe gratuitamente:



Visão de longo alcance

As novas gerações são um terreno fértil, e por esta razão é necessário o desenvolvimento de discípulos comprometidos com a salvação e o serviço

Como líderes de igreja, necessitamos ter uma visão clara do que é o discipulado e como esse processo deve ocorrer no contexto do Ministério Jovem. É nesse ponto que começa o trabalho da liderança, pois quando o líder faz algo sem clareza, está apenas multiplicando esforços que não terão resultados positivos, principalmente no que se refere ao propósito essencial do discipulado, que é a multiplicação. Um ministério jovem sem visão discipuladora nunca vai gerar jovens maduros e comprometerá o crescimento da igreja e a expansão do Reino de Deus.

CONHECENDO NOSSOS JOVENS

Para guiar melhor os nossos jovens, é fundamental que os conheçamos bem. Nesse aspecto, exponho algumas características que descrevem os jovens desta geração. São elas:

- ❖ Eles tentam se destacar do restante.
- ❖ Eles são mais pragmáticos e independentes do que a geração anterior.

© George Muesan / Adobe Stock



versificada da história e, por essa razão, é muito cobiçada e valiosa pelos empreendedores.

- ❖ Estão crescendo sem uma rede de segurança; eles não temem as mudanças nem os riscos. Isto explica por que eles se identificam com empresas como *Uber*, *Google* ou *Facebook*, as quais superaram empresas e serviços tradicionais.
- ❖ Seus pais lhes deram um pensamento realista e não otimista.

Dados mostram que os jovens na faixa etária de 16 a 30 anos representam 30,9% dos membros da igreja na América do Sul.

MINISTÉRIO DISCIPULADOR

Bill Hull, um pesquisador sobre Discipulado e Crescimento de Igrejas,

afirmou: “Fazer discípulos é o trabalho principal e exclusivo da igreja”. Com base nessa afirmação, eu diria que o trabalho principal e exclusivo do Ministério Jovem Adventista é fazer discípulos.

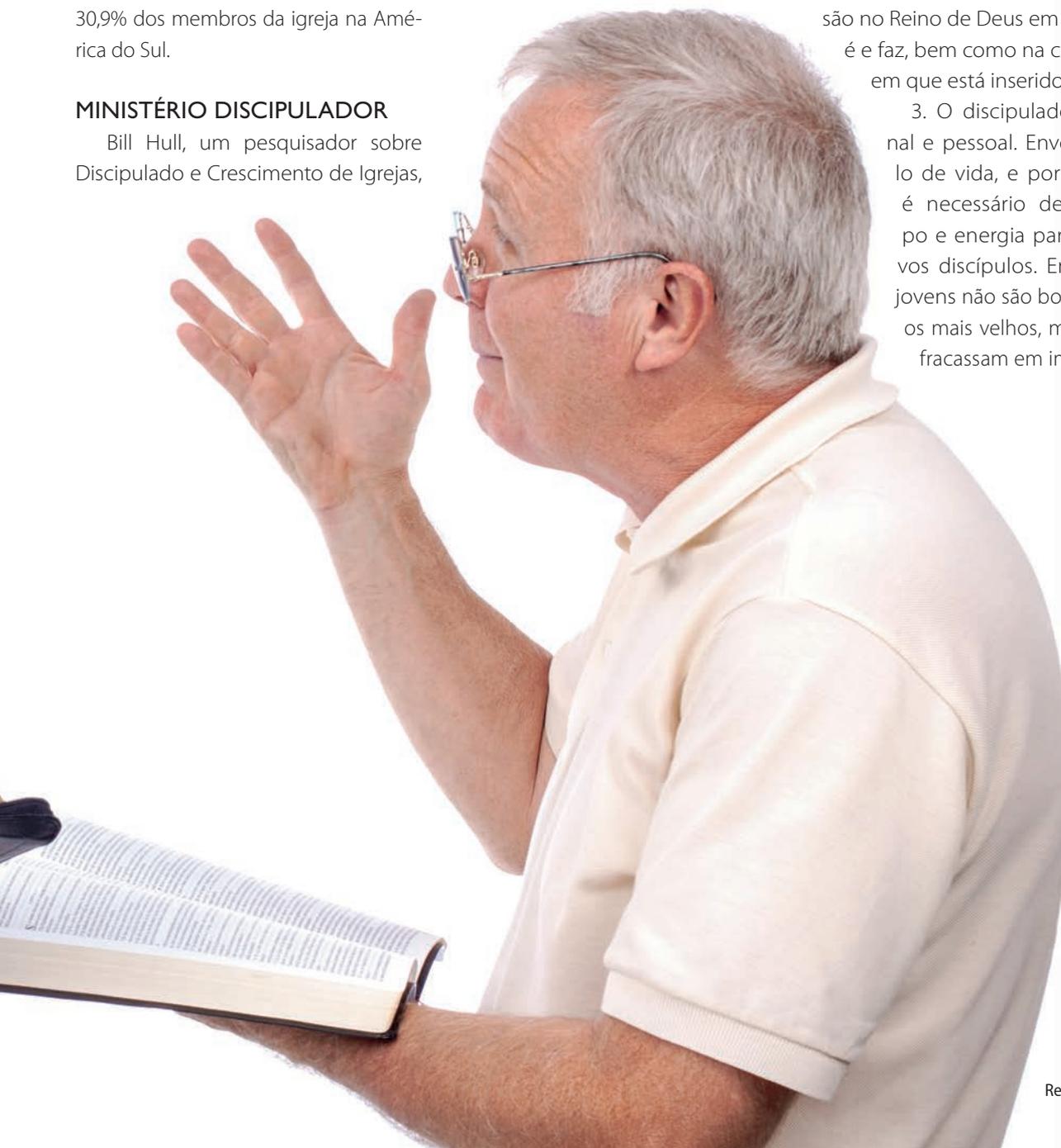
A missão desse ministério é levar os jovens a desenvolver diariamente um relacionamento de salvação com Jesus e ajudá-los a aceitar seu chamado para ser discípulos. Um jovem que não tiver uma experiência de discipulado adequada terá dificuldades em

desenvolver maturidade espiritual. Aqueles que lideram os jovens devem trabalhar intencionalmente no discipulado deles. Para isso, é necessário manter o foco em alguns pontos importantes:

1. O discipulado é para Jesus, não para qualquer outra pessoa. Jesus é o modelo de formação na vida de cada jovem adventista, a fim de que ele alcance maturidade espiritual.

2. O discipulado envolve tanto o interior quanto o exterior do discípulo. Cada jovem deve focalizar sua visão no Reino de Deus em tudo o que é e faz, bem como na comunidade em que está inserido.

3. O discipulado é artesanal e pessoal. Envolve o estilo de vida, e por esta razão é necessário dedicar tempo e energia para fazer novos discípulos. Em geral, os jovens não são bons em ouvir os mais velhos, mas eles não fracassam em imitá-los.



4. O discipulado envolve formação espiritual, evangelismo, batismo e multiplicação. O processo de multiplicação é a prova essencial do verdadeiro discipulado. A ordem de Cristo para Seus discípulos foi para que eles reproduzissem em outros a vida que haviam encontrado Nele (Jo 15:8).

5. Os discípulos devem ser ensinados e motivados a se envolverem no cumprimento da missão, usando de maneira eficiente suas habilidades e harmonizando a vida com Deus.

6. Discipulado não pode ser confundido com *mentoring* (termo usado para expressar o processo em que uma pessoa mais experiente ou com uma determinada especialização, que funciona como uma ferramenta, ajuda outra pessoa em um processo de formação). *O mentoring* é importante para a formação de líderes, mas nunca pode substituir os pilares do discipulado bíblico.

7. A tarefa principal do líder não é aumentar a assistência aos programas e reuniões dos jovens. Sua prioridade deve ser multiplicar novos discípulos de Cristo, espalhando-os em todos os lugares da comunidade em que a igreja está inserida. Não se pode medir o sucesso do Ministério Jovem pela quantidade de pessoas que assistem a um evento, mas pela quantidade de discípulos que se envolvem no cumprimento da missão.

8. O paradigma da vivência como discípulos deve ser simples, natural e intencional.

Discipulado é o relacionamento que o jovem desenvolve com Cristo para assimilar Seu caráter. Como discípulo de Cristo, o jovem desenvolve o estilo de vida do reino de Deus. Ou seja, aprende a viver vida semelhante à de Cristo. O comportamento do jovem adventista é transformado cada vez mais à semelhança de Cristo.

Bill Hull, em sua obra completa sobre discipulado, afirma: "Um discípulo,

então, é um renascido seguidor de Jesus. [...] No momento da salvação, quando alguém decide seguir a Cristo, ele não deveria experimentar nenhuma interrupção em sua jornada daquele ponto em diante. Como um novo cristão, um indivíduo não dá um 'segundo passo' para se tornar um discípulo. Em vez disso, ele embarca em sua jornada contínua de crescimento que passa pela infância, adolescência, vida adulta e vai até a maturidade espiritual. [...] Então, discipulado significa o estado de ser um discípulo" (*The Complete Book of Discipleship*, 2006).

NECESSIDADE URGENTE

Nos dias atuais, uma das maiores necessidades da juventude adventista é de ter líderes como referência. Líderes que a inspirem por meio de bons exemplos e modelos a quem os jovens possam imitar. Não há discípulo sem mestre. Não é possível falar sobre discipulado sem uma referência. Em outras palavras, o discipulador deve ser um mestre que ajude os jovens no desenvolvimento físico, moral, social e espiritual. Eles não esperam ser liderados por pessoas perfeitas, pois são conscientes de que tais pessoas não existem. Mas precisam que os líderes sejam honestos e autênticos em seu modo de viver a fé cristã.

Nesse contexto, uma outra necessidade dos jovens é a integração intencional das gerações, servindo, compartilhando e aprendendo, de maneira mútua, por meio das atividades principais da igreja e do seu programa de discipulado. É necessário que todos tenham a consciência de que pertencem à mesma família – o Corpo de Cristo.

O Dr. Howard Vanderwell afirmou: "O trabalho conjunto das gerações é um componente necessário da formação saudável [do caráter]. Cada idade

aprende com a outra. [...] Desde que a formação da fé e do caráter seja uma preocupação essencial da igreja cristã, devemos ter como objetivo manter as gerações engajadas entre si, tanto nas atividades do ministério como no culto corporativo" (*The Church of All Ages: Generations Worshipping Together*, p. 24).

Uma pesquisa da Igreja Adventista, ao redor do mundo, revelou que 41% dos jovens que abandonaram a fé tiveram como causa principal a falta de amigos que os apoiassem em sua jornada espiritual. E as duas razões seguintes também tinham que ver com a falta de relacionamentos na igreja. Esses indicadores demonstraram a necessidade de se desenvolver nas instituições e também na igreja local estratégias que favoreçam a criação de comunidades saudáveis para fortalecer cada vez mais os relacionamentos. Entretanto, o discipulado não pode ser encarado apenas como uma estratégia relacional, mas, antes de tudo, como uma mudança de visão sobre a missão da igreja e sua importância para as novas gerações.

Os líderes devem ser esses agentes de mudança ao mentorear, pregar, promover, ensinar e multiplicar a visão de discipulado na igreja. Prezado ancião, é hora de uma mudança radical na forma de liderar o Ministério Jovem. O discipulado deve ser intencional e integral. As novas gerações são um terreno fértil para o discipulado e, por esta razão, é necessário investir tempo, recursos, ideias e tudo o que for preciso para o desenvolvimento de jovens discípulos comprometidos com a salvação e o serviço. 



Carlos Humberto Campitelli

Diretor dos Ministérios Jovem,
Música e Universitários na Divisão
Sul-Americana

Qualquer situação

Como adventistas, é fundamental que aprendamos a conviver com as variadas circunstâncias destes últimos dias

© Photocreo Bednarek / Adobe Stock

O apóstolo Paulo escreveu: “Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso Naquele que me fortalece” (Fl 4:11-13).

Esse é um dos textos mais conhecidos do Novo Testamento. Particularmente, eu gosto dele não pelo que foi dito, mas pelo que não foi dito.

Paulo não disse: “Gosto de viver nesse desafio de uma hora ter tudo e em outra não ter nada.” Ele também não disse: “Para mim não faz diferença se durmo no colchão ou no chão.” E ele também não disse: “Não estou nem aí

se hoje sei o que tenho para comer e amanhã não sei”.

Entendam: se Paulo houvesse escrito o seguinte: “Gosto de viver nessa insegurança de, em uma hora, ter tudo; e em seguida, não ter nada.” Eu iria admirá-lo, mas ele não iria representar muita coisa para mim além de alguém admirável. Mas quando, em vez de dizer: “Gosto”, ele diz: “Aprendi” a viver em ambas as situações, o que, na verdade, ele está tentando me dizer é: “Sou igualzinho a você.” Eu também não gosto dessa incerteza; eu não gosto dessa insegurança; eu não gosto de passar necessidade nem “aperto”. Eu aprendi a viver nas duas situações: fartura e escassez.

Vejo esses versos como um conselho. É como se eu ouvisse Paulo me dizendo: “Você não precisa gostar, mas

tem que urgentemente aprender a viver em ambas as situações. É por falta desse aprendizado que muitos casamentos e muitas famílias cristãs estão se esfacelando. Não gostamos, nem queremos aprender a viver na adversidade. Se formos honestos, teremos de admitir que viemos para a vida cristã por que não queríamos ter problemas (depressão, dores e outros mais) e principalmente passar por necessidades.

A decisão de Paulo em seguir o cristianismo não foi para fugir dessas coisas, mas para aprender a conviver com elas quando fosse necessário.

Hoje, ao contrário do tempo apostólico, somos aquele tipo de cristãos que, a qualquer preço, querem se livrar das dificuldades. Como disse C. S. Lewis: “São cristãos domesticados”.

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Essa teologia parece ser fascinante. Ela promete um tipo de vida cristã apenas com uma parte dos versos que lemos em Filipenses 4:11 a 13. Ou seja, uma vida marcada pela abundância e fartura. É apenas “um pare de sofrer”, e ponto final. Como um paliativo, a teologia da prosperidade busca preencher um dos maiores anseios da natureza humana: evitar, a qualquer custo, todo tipo de sofrimento. Além disso, é como oferecer doces a uma criança. Provavelmente, ela não vá perguntar: Isso tem corante? Que quantidade de açúcar tem nesse doce? Que consequências esse doce trará para minha saúde? Naturalmente, ela só quer desfrutar da boa sensação que terá ao consumir o doce.

No contexto em análise, a teologia da prosperidade faz algo parecido, isto é, ela não leva a pessoa a perguntar: Isto é bíblico? Que consequências essa crença (evitar o sofrimento a qualquer custo) vai trazer ao meu crescimento cristão? Ao contrário, ela vai na contramão do que Paulo disse no texto bíblico que lemos. Ela procura evitar que as pessoas aprendam a conviver tanto em fase de escassez como de fartura.

SISTEMA DE INSATISFAÇÃO

Você pode dizer: “Pastor, obrigado pelo esclarecimento. Mas eu não faço parte de uma igreja que prega essa teologia.” Prezado irmão, me permita alertá-lo sobre uma coisa: talvez você realmente não saiba o que é a teologia da prosperidade. Talvez você pense que seja apenas um grupo de igrejas que exploram as pessoas financeiramente com a proposta de bênçãos e prosperidade. Essa é apenas a ponta do *iceberg*. Na verdade, a parte mais demoníaca da teologia da prosperidade talvez não seja pregada por nenhuma igreja. Pertence a este mundo capitalista em que vivemos.

Trata-se desse sistema que prega, mesmo sem igrejas, sem pastores e sem púlpitos, que você é o que você tem. Que você tem que ter mais, pois o que lhe traz segurança na vida é o que você possui.

Lamentavelmente, muitas pessoas seguem essa linha “teológica” e acabam trabalhando nas horas do sábado, fazendo provas na faculdade no período sabático, comprometendo as horas de convivência com a família ou, principalmente, sacrificando as horas de comunhão com Deus.

Durante Seu ministério, Jesus procurou refutar e destruir esses falsos ensinamentos. Ele fez isso quando comparou o dinheiro a Mamom (Lc 16:13 ARC); quando mandou que os discípulos alimentassem a multidão (Mc 6:35-44); quando, no Sermão do Monte, disse: “Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34).

O que o sistema em que vivemos faz conosco é colocar os versos de Filipenses 4:11 a 13 no negativo. Ou seja, eu não sei contentar-me com o que tenho; eu não sei estar abatido; eu não quero aprender a viver feliz mesmo em momentos adversos. Seu casamento e sua saúde nunca serão abalados; sua família nunca terá problemas; e você, obviamente, não saberá como enfrentá-los.

Se você não assimilar e não aprender o que Paulo escreveu aos Filipenses, não terá sustentação diante dos abalos da vida. Mas sabe o que é mais preocupante? A segunda vinda de Cristo à Terra será antecedida por um tempo de extremas dificuldades para as quais ainda não estamos preparados. E parece que desejamos evitá-las a qualquer custo. Ellen G. White escreveu: “O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome – fé que não desfaleça ainda

que severamente provada. O tempo de graça [este que estamos vivendo agora] é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião” (*O Grande Conflito*, p. 621).

SOLUÇÃO DIVINA

A pergunta a ser feita é: O que devo fazer para aprender o que Paulo aprendeu? A chave para a compreensão de um estilo de vida como o de Paulo está em suas palavras: “Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fl 4:11).

Em primeiro lugar, você nunca vai aprender a enfrentar as necessidades se não aprender a se contentar com o que tem. Para isso, você deve tomar a atitude, por exemplo, de evitar dívidas a qualquer custo. Em geral, as dívidas se originam no descontentamento em ter só o que se pode ter.

Em segundo lugar, sua fidelidade na devolução dos dízimos e ofertas é uma declaração pública que você faz de que nem tudo lhe pertence e, consequentemente, você é capaz de se contentar apenas com o que fica em suas mãos.

Paulo afirmou: “Tudo posso Naquela que me fortalece” (Fl 4:13). Imagino que você conheça pessoas capazes de dizer: com o dinheiro que tenho posso comprar qualquer coisa; posso ganhar qualquer pessoa; posso fazer o que quiser. Mas o apelo da mensagem bíblica é para que você possa dizer: “Porque estou em Cristo, posso todas as coisas”. A solução para o aprendizado do contentamento é saber que, em Cristo já possuímos tudo que realmente importa. Permita-se ser conduzido por Deus pelo caminho do contentamento e da paz. 

Josanan Alves de Barros Júnior

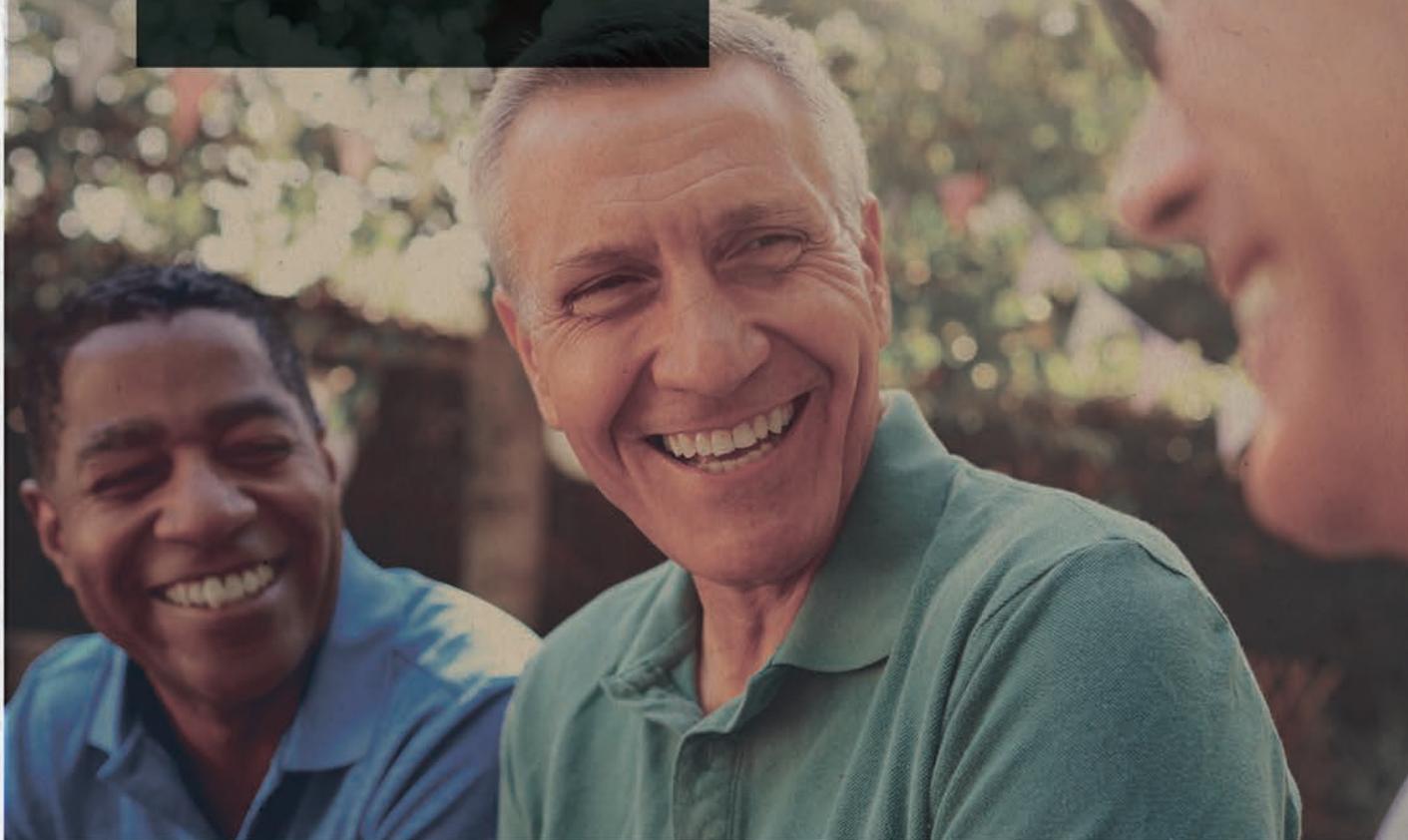
Diretor do Ministério de Mordomia Cristã na Divisão Sul-Americana



Cedida pelo autor

Portal do Ancião

adv.st/anciao



- Eventos da igreja
- Projetos e capacitação
- Questões teológicas
- Programa Dia do Ancião
- Download de materiais
- Associação Ministerial

- Esboços de sermões
- Comentários de Ellen G. White
- Recomendações de livros
- Vídeos contendo testemunhos e experiências de anciãos
- Edições da *Revista do Ancião* em PDF

"Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo."

2 Timóteo 4:2 NVI



Vida missionária

Para o cumprimento da missão é fundamental manter o primeiro amor em nossa experiência espiritual

“**A** Testemunha Fiel Se dirige à igreja de Éfeso, dizendo: ‘Teinho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te pois donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres’” (Ap 2:4, 5).

A IGREJA DE ÉFESO

A princípio, o que distinguia a igreja de Éfeso eram a sua simplicidade e fervor

como de uma criança. Manifestava-se amor sincero, vivo e ardente a Cristo. [...]

Os crentes buscavam intensamente receber toda Palavra de Deus e a ela obedecer. Cheios de amor ao Redentor, buscavam como seu mais elevado objetivo, ganhar almas para Ele. Não pensavam em reter o precioso tesouro da graça de Cristo. Sentiam a importância de sua vocação e, sob o peso da mensagem – Paz na Terra, boa vontade para com os homens – ardiam de desejo de proclamar as boas-novas até nos mais remotos confins da Terra.

Os membros da igreja estavam unidos em sentimento e ação. O amor de Cristo era a corrente áurea que os vinculava entre si. [...]. Visitavam os órfãos e as viúvas em suas tribulações e mantinham-se incontaminados do mundo. Consideravam que deixar de fazê-lo teria sido o mesmo que contradizer sua profissão de fé e negar o Redentor. [...]

Depois de algum tempo, porém, o zelo dos crentes, seu amor a Deus e de uns aos outros, começou a minguar. A frieza penetrou na igreja. Surgiram



divergências, e os olhos de muitos deixaram de contemplar Jesus, como Autor e Consumador de sua fé [...].

A IGREJA DE ÉFESO E NÓS

Não vemos repetida na igreja desta geração a experiência da igreja de Éfeso? Como está a igreja usando hoje o conhecimento que recebeu da verdade de Deus? [...]

Vemos estabelecerem-se grandes igrejas em diferentes lugares. Seus membros receberam o conhecimento da verdade, e muitos se contentam com ouvir a Palavra da Vida sem transmitir a luz a outros. Sentem pouca responsabilidade pelo progresso da Obra, pouco interesse na salvação de almas. Estão cheios de zelo pelas coisas profanas, mas não entretêm nos seus negócios a religião. Dizem: "Religião é religião, e negócio é negócio." Eles creem que cada uma

dessas coisas tenham sua esfera própria, mas dizem: "Fiquem separadas." [...]

Há entre nós pessoas que, se tomassem tempo para observar, considerariam sua posição indolente como um descuido pecaminoso dos talentos que Deus lhes conferiu. [...] Semelhante indiferença e negligência do dever assombra os anjos. [...]

Não obstante a indizível misericórdia divina para conosco, como são poucos, em nossas igrejas, os que são verdadeiramente humildes, consagrados, servos de Cristo tementes a Deus! Como são poucos os corações repletos de gratidão e reconhecimento por haverem sido honrados e chamados para desempenhar uma parte na Obra de Deus, sendo coparticipantes dos sofrimentos de Cristo! [...]

NOSSA MISSÃO

1. Converter pessoas deve ser o alvo máximo

Não devemos julgar que a obra do evangelho dependa principalmente do pastor. Deus deu a cada um uma obra para fazer em relação com Seu reino. Cada um dos que professam o nome de Cristo deverá ser obreiro zeloso e desinteressado, decidido a defender os princípios da justiça. Cada pessoa deverá desempenhar parte ativa para promover a causa de Deus. Qualquer que seja nossa vocação, como cristãos temos uma obra que fazer: tornar Cristo conhecido no mundo. Devemos ser missionários que tenham como alvo principal converter pessoas para Cristo.

Deus confiou à Sua igreja a obra de difundir a luz e disseminar a mensagem do Seu amor. Nossa ocupação não consiste em condenar nem denunciar, mas em atrair juntamente com Cristo, rogando aos homens que se reconciliem com Deus. Devemos animar as pessoas, atraí-las, e assim ganhá-las para o Salvador. [...]

2. Começar pelos mais próximos

Alguns que, durante longo tempo, professaram ser cristãos e, não obstante, não sentiram responsabilidade pelas almas que perecem à sombra de sua própria casa, pensam, talvez, que têm uma obra para fazer em países estrangeiros; mas onde está a prova de serem idôneos para essa obra? Em que manifestaram preocupação pelas almas? Essas pessoas precisam primeiramente ser ensinadas e disciplinadas em sua própria casa. [...]

Comecem em casa, em sua própria família, na própria vizinhança, entre os próprios amigos, os que desejam trabalhar para Deus. Encontrarão ali um campo missionário propício. Essa obra missionária é uma prova, que lhes revela a capacidade ou inabilitação para servir numa esfera mais ampla. [...]

Quando nossa própria casa for o que deve ser, não deixaremos que nossos filhos cresçam na ociosidade e indiferença para com os reclamos de Deus em favor dos necessitados que os rodeiam. [...] Exercerão influência poderosa em prol de Deus e de Sua verdade.

3. Treinar a igreja para ser missionária

É evidente que todos os sermões pregados não produziram grande colheita de obreiros abnegados. Deve considerar-se que este assunto envolve os mais graves resultados. Está em jogo nosso destino eterno. As igrejas estão definindo porque seus talentos não foram empregados para difundir a luz. Devem ser dadas instruções cuidadosas que serão como lições do Mestre, para que todos utilizem sua luz. Os que têm a supervisão das igrejas devem escolher membros capazes e confiar-lhes responsabilidades, dando-lhes ao mesmo tempo instruções de como melhor servir e beneficiar outros. [...]



© Metamorworks e Rawpixel.com / Adobe Stock

Pelo uso desses talentos, serão revelados homens que estarão capacitados para ocupar posições de confiança e influência, e manter princípios puros e incontaminados. Assim, muitas coisas boas serão realizadas para o Mestre.

4. Ensinar os membros a trabalhar

Muitos que possuem verdadeira capacidade se estão enferrujando na inação por não saberem como pôr-se a trabalhar em ramos missionários. Alguém que possua habilitação, apresente a esses inativos o ramo de trabalho que poderiam fazer. [...]

Há maneiras pelas quais todos podem fazer trabalho pessoal para Deus. Alguns podem escrever uma carta a um amigo distante ou enviar uma revista a quem esteja pesquisando a verdade. Outros podem dar conselhos aos que estão em dificuldades. Os que sabem tratar de enfermos podem ajudar nesse ramo. Outros, que têm as habilitações necessárias, podem dar estudos bíblicos ou dirigir classes bíblicas.

Modalidades mais simples de trabalhar devem ser ideadas e adotadas nas igrejas. Se os membros aceitarem unanimemente esses planos e perseverantemente os executarem, recolherão recompensa farta; porque sua experiência irá se enriquecendo, a habilidade aumentando e, por seus esforços, pessoas serão salvas.

5. Levar todos a participar

Ninguém deve sentir que, por não ser instruído, não pode ter parte na obra do Senhor. Deus tem uma parte para que eles façam. Ele deu a cada um a sua obra. Eles podem esquadriñar as Escrituras por sua conta. [...] Podem orar pela obra. A oração do coração sincero, feita com fé, será ouvida no Céu. E trabalharão segundo a sua capacidade. [...]

Todo o Céu está em atividade, e os anjos de Deus estão à espera para cooperar com todos os que queiram idear planos por cujo meio as almas por quem Cristo morreu ouçam as boas-novas da salvação. [...]

6. Despertar os ociosos

Há pessoas que estão perecendo sem Cristo, e os que professam ser discípulos Seus, as deixam morrer. Foram confiados aos nossos irmãos talentos para esta mesma obra de salvar; mas alguns os amarraram num lenço e enterraram. Quanto se assemelham esses ociosos ao anjo que é representado como a voar pelo meio do céu, proclamando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus? Que súplicas podem ser feitas aos ociosos para despertá-los, a fim de que trabalhem para o Mestre? O que podemos dizer ao membro da igreja ocioso, a fim de fazê-lo reconhecer a necessidade de desenterrar seu talento e entregá-lo aos banqueiros? Não haverá no reino dos Céus ociosos nem preguiçosos. [...]

Esse estado de fraqueza não deve prosseguir. Deve fazer-se na igreja uma obra bem organizada, para que seus membros saibam como comunicar a luz a outros e assim fortalecer a própria fé e aumentar seu conhecimento. Ao repartirem o que de Deus receberam, serão firmados na fé. A igreja que trabalha é igreja viva. [...]

7. Preparar os jovens para ser missionários

Não se passe por alto os jovens; compartilhem eles do trabalho e da responsabilidade. Sintam caber-lhes uma parte a desempenhar em ajudar e beneficiar outros. As próprias crianças devem ser ensinadas a fazer pequenos serviços de amor e misericórdia em favor dos menos afortunados.

Concebam os supervisores da igreja planos por cujo meio os jovens possam

ser adestrados no emprego dos talentos que lhes foram confiados. Busquem os membros mais idosos da igreja trabalhar dedicada e compassivamente em favor das crianças e jovens. Apliquem os pastores todo o seu engenho na idealização de planos em que os membros mais jovens da igreja possam ser induzidos a com eles cooperar no trabalho missionário. [...]

8. Motivar as igrejas

Logo ocorrerão mudanças peculiares e rápidas, e o povo de Deus será revestido do Espírito Santo, de forma que, com sabedoria celeste, enfrente as emergências desta época e neutralize ao máximo possível a influência demoralizadora do mundo. Se a igreja não estiver dormindo, se os seguidores de Cristo vigiarem e orarem, poderão possuir entendimento para compreender e avaliar as tramas do inimigo.

O fim está próximo! Deus convida a igreja a pôr em ordem as coisas permanentes. Vocês, que são cooperadores de Deus, são capacitados por Deus para levar outros consigo para o reino. Vocês devem ser agentes vivos de Deus, condutos de luz para o mundo, e circundando-os há anjos celestes comissionados por Cristo para os sustentar, fortalecer e amparar no trabalho em favor da salvação das pessoas.

Apelo para as igrejas em cada Associação: Mantenham-se separadas e diferentes do mundo – no mundo, mas não lhe pertencendo, refletindo os brilhantes raios do Sol da justiça, sendo puros, santos e imaculados e, com fé, levando luz a todos os caminhos e valados da Terra. ■

Texto extraído e adaptado do livro *Testemunhos Séletos*, v. 3, p. 55-71



Ellen G. White (1827-1915)
Autora de vários livros

Esposa de ancião

Deus capacita você para realizar uma obra significativa na igreja ao lado do seu marido

Você chega na igreja com a melhor disposição de adorar a Deus. Neste dia, será feita a leitura do relatório da comissão de nomeações, contendo os nomes das pessoas que exercerão cargos de liderança no

próximo ano eclesialístico. Em um momento dessa leitura, você escuta o nome de seu marido sendo nomeado para o cargo de ancião. No primeiro momento, você se sente feliz pelo fato de seu esposo ter sido escolhido para uma

função tão honrosa na igreja. Porém, logo depois, a irmã que está ao seu lado lhe diz: "Parabéns! Agora você tem uma responsabilidade sublime junto com seu esposo na liderança da igreja." Você não acredita no que acabou de ouvir.



É ele, seu marido, que será ancião. Você não tem nada que ver com isso. Porventura, o chamado dele também é seu chamado como esposa de ancião?

Deus deixou uma lista de qualidades que deveria ter o homem que aspira ser um ancião de igreja. Em 1 Timóteo 3:2 diz que ele deve ser irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, ordenado, hospitaleiro, apto para ensinar". Se você parar para pensar, há características ali que seu marido não poderia ter sem a sua colaboração. Por exemplo: Como ele poderia ser hospitaleiro se sua esposa não quiser receber pessoas em casa para hospedá-las? Como Deus poderia exigir que um homem seja hospitaleiro se sua esposa não quer? Então, o chamado para o ancionato não poderia ser só para ele.

Agora, observe bem a frase: "marido de uma só mulher". De forma geral, entendemos essa frase como uma referência ao fato de que o ancião deve ser um homem fiel no contexto da monogamia como é o plano de Deus desde o princípio. Mas você já parou para pensar nessa característica de outra perspectiva? Você já se perguntou, do ponto de vista feminino, porque Deus Se deteve nesse detalhe?

Ter uma só mulher é ter ao lado uma só voz, um só pensamento, uma só opinião; pois tudo isso tem influência no trabalho do ancião. Salomão teve mil mulheres, e o conselho que cada uma delas lhe dava o levou para longe dos caminhos de Deus (1Rs 11:3, 4). Abraão teve duas mulheres, e já sabemos quantas dores de cabeça isso lhe custou, principalmente quando ele teve que despedir seu filho Ismael para o deserto (Gn 21:14). Ter uma só mulher significa ter somente um instrumento de apoio e inspiração que Deus deseja que haja no casamento de todo aquele que ocupa o cargo de ancião na igreja de Deus.

Aprofundemos ainda mais essa questão: ser essa única mulher significa que Deus olhou para você, exatamente para você, para que fosse a companheira desse homem a quem Ele chamou para ser ancião. Deus chamou vocês como uma só carne para O servirem. Então, ainda que seja o seu marido que ocupa o cargo, Deus também chamou você como uma das qualidades necessárias que o capacitarão a exercer o cargo de ancião. Deus olhou para você como uma influência educadora e moderada que seu esposo necessita para a grande obra a que Deus o chamou a fazer pela verdade do evangelho. De modo que, quando Deus chamou seu marido para ser ancião, Ele já levou em conta quem você é e o potencial que você tem para apoiar seu esposo, a fim de que ele exerça seu ministério como ancião de êxito. Portanto, você não recebeu um chamado de segunda mão. Você é parte das virtudes que qualificam seu marido para o serviço de Deus.

MINISTÉRIO NA IGREJA LOCAL

Como esposa de ancião de igreja, você deve saber que a liderança é um exercício dos dons espirituais sob o chamado de Deus, para servir a um grupo de pessoas, alcançando as metas que Deus lhe tem dado para Sua glória. A liderança não é a voz de um homem só. É o trabalho de uma equipe comprometida com Deus para que o evangelho alcance o mundo nesta geração.

Deus tem olhado para você como uma mulher dotada de qualidades e compromisso com Sua causa, tendo clara consciência do chamado que Ele lhe fez. Deus sabe que, se você tem disposição para se unir ao seu marido nesta obra, você será um poderoso instrumento para que não haja na igreja confusão, desconfiança e desunião entre os membros. Sem dúvida, da perspectiva divina, é importantíssimo o lugar que



a esposa do ancião ocupa no ministério dele. Ellen G. White escreveu: "Uma mulher verdadeiramente convertida exercerá poderosa influência, transformadora, para o bem. Ligada ao marido, ela pode ajudá-lo em seu trabalho, tornando-se instrumento em animá-lo e beneficiá-lo. Quando a vontade e o caminho são postos em submissão ao Espírito de Deus, não há limites ao bem que se pode realizar" (*Evangelismo*, p. 467, 468).

Então, você se pergunta: O que Deus espera de mim?" Pode ser que você comece a imaginar algumas coisas que a levem a achar que poderiam ser obstáculos em seu ministério. Por exemplo: falta de tempo, defeitos de caráter e outros. Quero lhe dizer que tenho convicção de que mais do que você espera de si mesma, Deus deseja fazer muito mais em você, com você e por meio de você. Deus deseja lhe dar inteligência emocional para que você possa desenvolver relacionamentos interpessoais que



© iStockphoto.com / Ardenne Stock

atraiam pessoas a Cristo e façam do ministério de seu esposo uma porta de entrada para o reino do Céu. Isso também fará com que você tenha mais saúde mental e harmonia em seu lar.

Deus quer que você seja uma força e avanço no ministério de seu marido. Que você possa acompanhá-lo na conquista de pessoas para Cristo. Deus deseja desenvolver em vocês o mesmo interesse para beneficiar as pessoas, porque Ele conhece suas capacidades para realizar determinadas coisas entre as mulheres da igreja; coisas que seu marido não poderia fazer. Com mansidão e humildade, e plena consciência do valor que você tem, Deus quer que você exerça uma influência educadora sobre as pessoas que estão ao seu redor. Certamente, tudo isso contribuirá para tornar você uma companheira idônea, tornar seu casamento mais feliz, e seu lar será um pedacinho do Céu aqui na Terra.

Deus deseja que você acompanhe os milagres que acontecem na vida

das pessoas como resultado do ministério que você realiza com seu esposo. Isso lhe será uma bênção e um alento quando você estiver vivenciando uma crise ou algum problema. Lembre-se de que Deus, de antemão, já sabe o que você é capaz de realizar ao ocupar um lugar em Sua obra. “Todos têm seu lugar no plano eterno do Céu. Todos devem colaborar com Cristo para a salvação das pessoas. Tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestes, há também um lugar designado aqui na Terra, onde devemos trabalhar para Deus” (*Parábolas de Jesus*, p. 326, 327).

Pois é, amiga, seu lugar como esposa de ancião foi escolhido pelo Pai celestial e Criador especialmente para você. E isso é tão certo quanto o lugar que Ele está preparando no Céu para você.

O ministério do casal é a combinação de um serviço para Cristo que une as habilidades, os talentos e os dons espirituais do marido e da mulher. Isso

possibilita a realização de um ministério mais qualificado do que aquele realizado só pelo marido sem o apoio da esposa. A Bíblia traz exemplos de cônjuges que trabalharam juntos para Deus, e como resultado não somente realizaram um ministério de êxito, mas também serão lembrados como casais missionários pela eternidade. Veja, por exemplo, Áquila e Priscila. À semelhança de Paulo, ele fazia tendas, e ela era romana. A casa deles chegou a ser o lugar de reuniões da igreja. Paulo os descreveu como colaboradores de Deus (Rm 16:3). Por causa da pregação do evangelho, eles foram expulsos de Roma e fixaram residência em Corinto. Como integrantes da equipe evangelística de Paulo, eles foram a Éfeso, e ainda hoje são mencionados como um casal cristão, hospitaleiro, unido, feliz e missionário. Sem dúvida, a influência que exerceram perdurará pela eternidade.

Prezada irmã, seu chamado por Deus não foi de segunda mão. Deus não fez um chamado para seu esposo, e nesse chamado você foi enxertada. Ele escolheu você junto com seu marido, porque Ele sabe que ambos formam uma equipe a quem Ele capacita para a realização da obra que está diante de nós. E essa obra que você fará com seu marido beneficiará a igreja. Se você a realizar de todo o seu coração, com certeza, será uma bênção para sua vida pessoal, familiar e espiritual. Quando Deus escolheu você, Ele já tinha em vista a obra que faria em você e por meio de você.

Bendita seja entre as mulheres porque Deus a escolheu como esposa de ancião! 



Sylvia Polo

Diretora do Ministério da Mulher na União Equatoriana

© iStockphoto.com / Ardenne Stock

Como é preparada a Lição da Escola Sabatina

O processo de produção é longo e rigoroso até que ela chegue em suas mãos



De forma geral, os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia perguntam como é feita a Lição da Escola Sabatina. Por exemplo, a escolha do tema, quanto tempo antes, etc. Nesta edição, vamos esclarecer como funciona, em todas as suas fases, o processo de produção da Lição.

FASE INICIAL

Inicialmente, a Comissão Diretiva da Associação Geral é a responsável pela lição da Escola Sabatina em todos os seus níveis e supervisiona o processo de desenvolvimento de cada um deles. A Comissão de Currículo para a Escola Sabatina, formada pelos diretores de Escola Sabatina das Divisões, pelos membros da Comissão Diretiva da Associação Geral, pelos membros do Instituto de Pesquisa Bíblica e consultores de todo o mundo, determina o tema e o autor ou autores da Lição de cada trimestre.

A lista de temas vai para a Comissão Diretiva da Associação Geral para aprovação. Em seguida, é encaminhada para a editoria da Lição da Escola Sabatina de Adultos na Associação Geral para iniciar o processo de produção. Em havendo alteração no currículo por razões variadas, inclusive administrativas, a Comissão de Publicações da Escola Sabatina tem a responsabilidade de interferir nesse processo.

Atualmente, a equipe da Lição da Escola Sabatina de Adultos é composta por um editor, um editor associado,

uma gerente de publicações e uma secretária administrativa. Juntamente com a Pacific Press Publishing Association (nossa editora nos Estados Unidos), esse grupo é responsável pela Lição da Escola Sabatina que você estuda toda semana, ao longo do trimestre. Além disso, por razões de custos financeiros, existe também a Lição em uma edição condensada, que é usada em algumas partes do mundo que não têm recursos para imprimir a Lição em sua edição completa.

O próximo passo é que assim que as lições de aluno são enviadas pelo autor ou autores, elas são formatadas em um único documento. Essa fase da produção, chamada de formatação técnica, é realizada pela secretária administrativa em *Word Perfect* e, normalmente, é executada em uma semana. Antes de ser enviada para a avaliação das Divisões de todo o mundo, a versão não editada do documento deve ser aprovada pelo gerente de publicações. O documento é enviado para os avaliadores de seis a oito semanas antes da reunião de avaliação da comissão residente.

Em seguida, duas comissões fundamentais estão envolvidas nesse processo de avaliação: a Comissão Residente e a Comissão Mundial. Cerca de 70 membros associados. Os membros dessas comissões são diversos em questões de experiência e cultura. Participam especialistas do Instituto de Pesquisa Bíblica nas áreas teológicas do Antigo e Novo

Testamentos; especialistas em profecias; editores e diretores de departamentos da Associação Geral (Escola Sabatina, Ministério Pessoal); educadores religiosos; e especialistas do Patrimônio Literário de Ellen G. White. Além disso, os membros da Comissão Mundial de Currículo fazem cópias adicionais do documento e enviam para as comissões locais de suas regiões para avaliação. Essas comissões reúnem seus comentários e os enviam para o departamento de edição da Lição da Escola Sabatina de Adultos na Associação Geral.

PROCESSO DE EDITORAÇÃO

Esse processo também passa por algumas fases. Atualmente, o editor da Lição da Escola Sabatina é Clifford Goldstein. Ele preside as reuniões da Comissão Residente da Associação Geral para Avaliação dos Originais. Larie Gray, secretária administrativa, registra os comentários e observações enviados pelas Divisões de todo o mundo, e que posteriormente serão examinados por esta Comissão que, ao encerrar a sessão, aceita ou rejeita a proposta para a publicação do documento original.

Usando as notas compiladas e o manuscrito original, o editor ou o editor associado faz uma ampla verificação e revisão por um período de seis a oito semanas. Em seguida, as lições individuais já editadas são formatadas pela secretária administrativa em um único documento. Este é enviado para a Comissão Residente da Associação Geral, para revisão que é feita em um prazo de quatro a seis semanas. Nesse caso, a Comissão se reúne pela última vez para avaliar se as sugestões anteriores foram executadas e, se necessário, fazer sugestões adicionais.

Os comentários da comissão são organizados e entregues ao editor para a edição final. Este dedica quatro a seis semanas para esta segunda edição e, em

seguida, passa o material para a gerente de publicações, atualmente, Soraya Parish, que supervisiona os prazos, correções, diagramação e revisão da prova final.

O secretário da equipe da Lição da Escola Sabatina faz três cópias: uma para o Gerente de Produção, para que este revise e duas para dois revisores indicados pelo gerente de publicações. Ao longo de três semanas, os revisores simultaneamente editam o manuscrito, verificando as citações bíblicas e as de Ellen G. White, bem como o conteúdo e as referências. Eles corrigem a gramática e avaliam a linguagem.

O gerente de Publicações incorpora todas as correções em um documento e, em seguida, discute as sugestões com o editor da Lição da Escola Sabatina. Nessa fase, as lições estão prontas para ser transformadas em um manuscrito, para a tradução em todo o mundo. O manuscrito finalizado é enviado pela equipe da Lição da Escola Sabatina para mais de 30 países.

EDITORAÇÃO NA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Aqui no Brasil, a Casa Publicadora Brasileira tem os direitos de tradução e publicação da Lição da Escola Sabatina. Evidentemente, isso também envolve uma adaptação do texto para a língua portuguesa, a fim de tornar o conteúdo da Lição mais prático para a igreja. Por exemplo, a numeração das perguntas, as respostas sugestivas no final de cada lição; a inserção da referência do Ano Bíblico para incentivar a leitura da Bíblia; as alternativas para as respostas das perguntas (verdadeiro ou falso; sim ou não; espaços em branco para completar a resposta). Essas adaptações ocorrem na primeira etapa do processo editorial.

Todo o material é conferido por uma profissional da equipe de revisores. Em seguida, o editor insere as correções recomendadas, e o material

é enviado para outro editor para se fazer outra leitura. Nessa fase, novas correções podem ser inseridas em todo o material. Ao retornar para o editor oficial da Lição, ele insere no texto todas as correções aprovadas.

Na sequência, o editor envia o texto para o designer, que dará início ao processo de diagramação no departamento de Arte. O designer gera a primeira prova impressa da Lição e a envia para o outro editor, a fim de que seja nova leitura. Em havendo correções, a Lição retorna para o designer para que as correções sejam inseridas. Então, ela segue para o editor oficial. Este verifica se todas as correções foram inseridas corretamente na diagramação do texto. Conferidas todas as correções, a Lição, em forma de arquivo digital, é enviada para a pré-impressão, que faz a imposição digital, usando o programa *Apogee*, que gerencia toda a preparação dos arquivos para a impressão. Uma nova prova é impressa no formato em que a Lição será impressa (este é o boneco do produto).

O boneco é enviado para a Redação e outros setores para uma última verificação de todo o material antes da impressão final. Feito isso, a Lição é enviada para a impressão (sistema *off-set*). Após impressão, a Lição vai para o setor de Acabamento, onde todo o processo é concluído.

O setor de Expedição é o responsável pelo envio da Lição da Escola Sabatina para seus assinantes em todo o Brasil e países de língua portuguesa. ■

O autor deste texto contou com informações de Ygor Almeida de Carvalho Silva, autor da tese de mestrado em Teologia Pastoral com o título "Resgatando os Princípios da Missão da Escola Sabatina: Estudo com Ênfase na Literatura Adventista" (UNASP, 2018), e de André Oliveira Santos, editor da *Lição da Escola Sabatina* na Casa Publicadora Brasileira.

Edison Choque

Diretor do Ministério da Escola Sabatina na Divisão Sul-Americana



Cedido pelo autor



DISCIPULADO
GENTE CUIDANDO DE GENTE

COMUNHÃO • RELACIONAMENTO • MISSÃO

PROGRAMA 2019

COMUNICAÇÃO
DIVISÃO SUL-AMERICANA

OUTUBRO	19	Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais
DEZEMBRO	14	Programa "Mutirão de Natal"